

A Voz de Paço de Arcos



JOSÉ LANÇA-COELHO
E as suas paixões

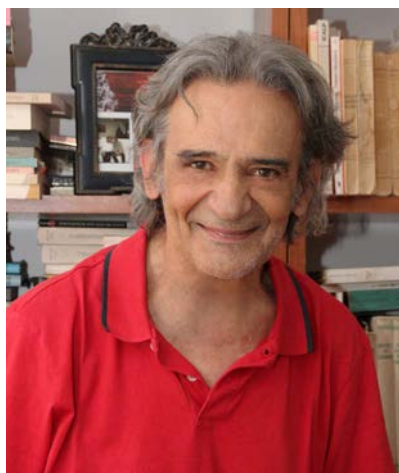
ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



Capa: José Lança-Coelho, foto de José Mendonça

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

Sede: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Direção: Presidente - José M. R. Marreiro
Tesoureiro - Cândido Vintém
Vogal - Roberta Siqueira
Secretário - Nelson Carvalho da Silva
Vogal - Miguel Marreiro

Redação: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

E-mail: avozpacocarcos@gmail.com

N.I.F. - 513600493 | **E.R.C.** nº 126726

Depósito Legal: 61244/92

Diretor: José M. R. Marreiro

Coord. Edição Online: Renato Batisteli Pinto

Coord. entrevistas e poesia: Margarida Almeida

Editor: Jorge Chichorro Rodrigues

E-mail: jchichorro@avozdepacodearcos.org

Sede do Editor: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Revisão: Magnólia Santos

E-mail: magnolia@gmail.com

Impressão: www.artipol.net

Sede do impressor: Rua da Barrosinha, n.º 160
| Barrosinha Apartado 3051 |
3750-742 Segadães, Águeda Portugal

Colaboradores: António dos Santos; Catulina Guerreiro; Eduardo Barata; Emília Costa; Francisco Capelo; Isabel Folgosa; Joaquim Bispo; Joaquim Coutinho; José Lança-Coelho; Jorge C. Rodrigues; Jorge Golias; José Marreiro; José Mendonça; Luís Alvares; Luís Amorim; Margarida Almeida; Martim Belas; Robertes Araújo; Stela Dalva e Tiago Miranda

Fotografia: Ana Amorim; António Passaporte; Luís Amorim; José Mendonça; Margarida Almeida; Natércia Correia e Tiago Miranda

Capa: José Lança-Coelho, foto de José Mendonça

Paginação: Andreia Pereira

Tiragem: 1500 exemplares

Online: avozdepacodearcos.org

E-mail: info@avozdepacodearcos.org

facebook.com/vozdepacodearcos

Publicidade: josemarreiro@gmail.com

Tel.: 919 071 841 (José Marreiro)

Diretor Honorário: José Serrão de Faria

Subdiretora Honorária: Maria Aguiar



Neste mês de junho, que assinalou a entrada do verão, comemoraram-se o 47º aniversário do nosso jornal e o 11º aniversário da nossa associação. Estamos, pois, de parabéns, quer o jornal *A Voz de Paço de Arcos*, quer a *Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”*, pelo serviço prestado à comunidade. E não podemos deixar de agradecer a todos os nossos leitores que, ao longo de décadas, vêm tornando possível o nosso projeto, mesmo agora que a imprensa regional está a sofrer o impacto do aparecimento de novas formas de comunicação social, baseadas na sua maior parte no formato digital, ao qual também aderimos. Assinale-se o programa do aniversário: no dia 23 de junho passeio cultural ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, no concelho de Sintra; almoço e passeio à Ericeira; lanche com bolo de velas e champagne; visita à Aldeia Museu José Franco, também conhecida por “aldeia saloia” ou “aldeia típica”, localizada em Sobreiro, no concelho de Mafra. Esta aldeia, hoje com um carácter etnográfico, onde se expõe a rica cultura artesanal da região, nasceu do sonho do oleiro popular José Franco, e tem milhares de visitantes anualmente. Por curiosidade, diga-se que o grande escritor baiano Jorge Amado era amigo de José Franco, possuindo na sua casa da Bahia peças de cerâmica deste artista que quis, com a Aldeia Museu, homenagear a sua terra. A filha de Jorge Amado, Paloma Amado, escreveu um texto sobre José Franco, que está publicado no livro *“Portas e Janelas: Geografias do Imaginário”*, de Maria João Coutinho,

filha do fundador do nosso jornal, e que foi integrado na coleção “Os Livros de Oeiras” e editado pela Câmara Municipal de Oeiras.

De 27 a 30 de junho o mercado de Paço de Arcos acolheu uma exposição retrospectiva de António Martinez, pintor, autor *cartoons* e publicitário, que durante muitos anos foi colaborador do nosso jornal; de 1 a 4 de julho a mesma exposição voltará ao mercado.

No Forte de São Bruno decorreu uma exposição da pintora Ana Briz, e no dia 18 de junho, integrada no programa “Quem é quem em Caxias”, houve uma conversa com o pintor Jaime Silva, que falou da sua vida e da sua obra. Mais uma vez deve assinalar-se a peregrinação do Círio de Oeiras ao Santuário Real da Atalaia, no Montijo, realizada no dia 16 de maio e organizada pela Associação Ancoras e pelas paróquias do concelho de Oeiras. No dia 4 de julho, também no Forte de São Bruno, em parceria com a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, será dada continuidade ao programa expositivo com uma exposição de pintura e de escultura de Clara Piçarra.

Chamamos a atenção aos nossos leitores que está a decorrer até ao dia 20 de setembro a inscrição para o Concurso de Fotografia Oeiras26.

Por fim, queremos referir o facto de nesta edição termos introduzido algumas inovações ao nível da produção do jornal, tanto em papel como em formato digital, de modo a acompanharmos a evolução tecnológica e irmos ao encontro das exigências dos nossos caros leitores.

Jorge Chichorro Rodrigues

Do Forte S. Bruno à Casa dos Cacetes

Voltamos ao forte de São Bruno, praia de Caxias, para realçar a sua importância na história local ao longo dos séculos da sua existência, quase três séculos, como forte integrante do sistema de defesa da barra do Tejo e, depois, quartel da Guarda Fiscal e instalações da Mocidade Portuguesa.

Está entregue à Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos que promove atividades educativas para as escolas, faz parte do programa Oeiras Educa, da CMO, ao longo do ano escolar.



Nas férias escolares desenvolve um programa de exposições de arte, palestras e conferências que atraem visitantes cada vez em maior número.

A nossa Associação é parceira em muitas destas iniciativas culturais de interes-

se local.

Atravessamos a estrada marginal por uma passagem aérea, em vez dos semáforos que obrigam a paragens constantes no trânsito sempre intenso e ao aumento da sinistralidade.

Subimos a escada, os elevadores estão avariados na maioria dos dias, não há como evitar a ação dos energúmenos que tudo fazem para que isso aconteça.

Uma vez ultrapassada a estação do caminho de ferro, deparamo-nos com um jardim municipal, antigo Jardim das Palmeiras, palmeiras entretanto desaparecidas, muito bem tratado, com um parque infantil, um campo multiusos e uma pista de skate, que é a grande atração da juventude.

Após o largo onde operam táxis e autocarros, temos um parque de estacionamento e, no meio, um Centro Comercial com várias atividades, com destaque para a restauração, onde o Paraíso de Caxias, do já familiar Armando, proporciona um bom serviço que é muito apreciado por locais e forasteiros.

Temos o espaço do senhor Rui que, incansável, trabalha noite e dia, competente técnico de aparelhos de televisão e outros afins, e ainda uma esplanada no piso superior com serviço de restaurante e música ao vivo.





Em frente, o monumento de homenagem aos presos políticos da Cadeia de Caxias, que antecedeu ao monumento em construção próximo da própria cadeia, Reduto Norte.

Numa extensa muralha, serão gravados os nomes dos cerca de dez mil cidadãos, que lá viveram sem lá terem morado.

Outro muro de menor dimensão, receberá um painel de azulejos de grande dimensões (6X20), que reproduz uma obra da prestigiada pintora Graça Morais.

Esta obra expressa, cabalmente, o sofrimento infligido aos que tiveram a des-

ditada de lá ter ido parar em consequência da sua luta pela liberdade, que ansiavam e que felizmente nós herdamos e hoje podemos desfrutar.

Para lá dos muros da Quinta Real, temos, em “pousio”, a obra de construção do hotel Vila Galé que, após demolição das construções sem interesse para o projeto, e na recuperação parcial dos edifícios que se manterão para o futuro, palácio e anexos, com interesse histórico, não se vislumbra o início da construção dos novos edifícios.

Quem por ali passa interroga-se: o que se passa? Estará o projeto em risco por qualquer razão burocrática técnica ou financeira?



Não seria oportuno a CMO, a Vila Galé, ou ambas as entidades fazerem um comunicado com informação pública esclarecendo o que na realidade se passa, por forma a evitar as naturais especulações que se propagam rapidamente nestas situações?

Seguimos pela estrada da Gibalta, passamos a ponte sobre a Ribeira de Barcaarena, à esquerda temos a ruína de um antigo edifício a aguardar decisão do proprietário e da CMO, sobre qual o fim





a dar ao espaço e o acesso à praia e à quinta do Lagoal.

Vamos agora até ao Hotel Vila Galé de Paço de Arcos onde iniciamos outro troço do percurso para falarmos do que de novo está a acontecer no Centro Histórico da Vila. Decorrem, finalmente, as obras nos antigos edifícios comerciais junto ao jardim municipal, onde surgirão modernos projetos de restauração, mais um grande reforço da já importante e famosa oferta da restauração local.

De lamentar, a situação de impasse que se verifica na obra de recuperação do edifício da Casa dos Cacetes, Casa Bonvalot. Espaço importante pela sua história e por ser um local frequentado por figuras importantes da vida cultural da Vila, desde logo o seu proprietário, Manuel Pinhanços, avô do ator José

de Castro, José Manuel Pinhanços, que aqui nasceu, na residência do primeiro andar, por cima da famosa pastelaria. Que problemas estão a impedir a devolução à vida da Vila daquele icónico espaço que se mantém vivo na memória de quem o conheceu e que anseia pela sua reabertura? Responda quem souber, os paçodearquenses querem, e merecem,



saber o que se passa com o seu património cultural.

Por hoje ficamos por aqui, voltaremos no próximo número com mais informações sobre o nosso território e o que nos rodeia.

*Texto: José Marreiro
Fotografia: José Mendonça*



LER ONLINE

**A LIBERDADE DE LER “A VOZ DE PAÇO DE ARCOS”
NO FORMATO DIGITAL**

**Digitalize o código ou aceda a
avozdepacodearcos.org**

LEIA - ASSINE - COMPARTILHE

José Lança-Coelho - O humanista dos mil saberes

José Carlos Aguiar Lança-Coelho, adiante JLC, setenta e cinco anos de idade. Nasceu em Lisboa, é Licenciado e Mestre em Filosofia, professor aposentado do ensino secundário. Por estes dias dá aulas nas Universidades Seniores de Oeiras e Carnaxide, onde lecciona as disciplinas de “História da Cultura do Século XX” e “História de Portugal Nua e Crua”.

É um leitor ávido e um escritor prodígio. Em 1998, a sua obra “O Enigma da Gruta”, venceu o prestigiado Prémio Revelação de Literatura Infanto-juvenil da Associação Portuguesa de Escritores. Trinta dos seus livros estão publicados, uma centena está já finalizada a aguardar um editor.

É um homem versátil, com amores e interesses que atravessam a sua vida: a Mãe, a icónica Maria Aguiar, o Pai, os Avós, os Irmãos, a Mulher Inês. Os livros, a Literatura, a Filosofia, a História, o Benfica, Eusébio, o Alentejo e, claro, os seus mais que tudo: os EXTRAORDINÁRIOS Beatles!

É um bom contador de histórias que reflectem a experiência de uma vida rica e multifacetada que viveu, dos alunos que ensinou e com quem aprendeu e de alguns heróis históricos, cuja vã glória desmistifica. Sofre de Beatlemania aguda. Tem, desde menininho, a paixão de correr atrás de uma bola.

É benfiquista dos sete costados, nutre uma imensa admiração, veneração por Eusébio, o Pantera Negra.

MÃE ⁽¹⁾

Mãe:
Brecht sem o saber,
Escreveu “Mãe Coragem”,
Sem te conhecer

AVPA – Falemos da sua Mãe, Maria Aguiar, desde sempre ligada à vida deste Jornal, colaboradora dinâmica e versátil desde o primeiro número da primeira série, em 1979. Exerceu o cargo de subdirectora durante vários anos e, após a sua morte, o seu nome continua



Na estante, capa do “AVPA” que homenageia Maria Aguiar. Foto de José Mendonça.

presente na ficha técnica do Jornal, agora na qualidade de subdirectora honorária. Foi uma das fundadoras da Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos” e continua bem viva na memória dos que a conheceram e que elogiam o dinamismo da sua intervenção social e cultural.

JLC - Ainda hoje é rara a noite em que não sonho com a minha Mãe, sonhos maravilhosos onde me aparece e fala comigo. A ela devo tudo o que sou. Disse-lhe vezes sem conta que, se tirei um curso superior, só a ela o poderia agradecer.

A importância do seu papel no meu percurso de vida e no meu percurso académico foi determinante. Conseguiu transformar um jovem que só queria jogar futebol, ler banda desenhada, ouvir os Beatles, os Rolling Stones e música pop-rock num jovem genuinamente interessado na cultura, na leitura dos clássicos, na escrita. Conseguiu-o sem imposições, com subtilidade e amor fez de mim uma pessoa diferente, focada no curso, como os meus Pais tanto desejavam. Eram ambos democratas, tolerantes, de espírito aberto; o meu Pai da ala de Sá Carneiro, a minha Mãe do PS.

Porém, decerto sabia
Que algures existia,
Uma Mãe com a tua força,
Com movimentos de corça,
Que as suas crias defendia,
Fosse noite ou dia.

AVPA – A sua Mãe estudou teatro, completou o 6º ano de solfejo e piano no Conservatório Nacional e estudou línguas. Fundou, em 2004, o “Clube dos

Poetas de Paço de Arcos” que realizou mais de duzentas sessões de poesia, das quais resultaram três Antologias de Poesia que coordenou.

JLC – Aos sete anos de idade estreou-se a dizer um poema de Guerra Junqueiro na “Voz do Operário”. Ali conheceu Manuel Lereno e João Villaret que a convidaram para dizer poesia na prestigiada Sociedade Guilherme Cossoul. Mais tarde, conheceria Eunice Muñoz e as duas partilhariam uma neta comum, a Marta, nascida da união de uma filha de Eunice com o meu irmão Jorge.

Recordo a imagem da minha Mãe a recitar poemas com os olhos embaciados de lágrimas! Tinha uma sensibilidade poética à flor da pele...

Quando perdeu o meu Pai e os filhos saíram de casa, agarrou-se à poesia, ao teatro, à colaboração no “Jornal da Região” e na “Voz de Paço de Arcos” como forma de sobrevivência.

Coragem,
É uma palavra pequena,
Que não chega para te definir.
Pois não passa de aragem,
Na luta travada na arena,
Das contingências do existir.

AVPA: Os seus avós eram pessoas que acompanhavam os tempos. O seu avô materno introduziu em Portugal o “Esperanto”, a utopia de uma língua comum que uniria a Humanidade e traria paz ao mundo; o seu avô paterno fundou o Cinema “*Pax Julia*”, hoje Teatro Municipal de Beja e um cinema ao ar livre para as noites de Verão, o “Esplanada Jardim”. Que testemunho lhe

deixaram?

JLC – Para começar, o avô materno, democrata republicano e agnóstico, deixou-me uma biblioteca com dois mil livros. Fantástica e diversificada! Era um homem que se interessava por tudo, que lia tudo. Legou-me as grandes obras dos grandes clássicos: Eça de Queiroz e Oscar Wilde, Shakespeare e outros autores que, na época, eram pouco procurados.



CMO - *Diploma de Mérito Municipal - Grau Ouro atribuído a Maria Aguiar por actos e serviços prestados. Foto de Margarida Maria Almeida*

despertou-me o gosto pelo cinema. Gosto em especial do neorealismo italiano, Rossellini, Visconti... Um dos filmes da minha vida é “Oh! Amigos meus”, do realizador Mario Monicelli, com Ugo Tognazzi, entre outros. O tema são as aventuras de quatro amigos que se juntam ao fim de semana para protagonizarem um encontro boémio de regresso à juventude, aos dias em que tudo lhes era permitido. Hilariante!

AVPA – Um dos nossos filmes de referência é também italiano: “La Strada”, de Federico Fellini, com Giulietta

Masina (sua mulher de toda a vida) e Anthony Quinn, dois extraordinários actores. O filme colecionou mais de cinquenta prémios internacionais e é um clássico intemporal a não perder.

JLC - A minha Mãe insistia comigo para que eu lesse os clássicos, mas apenas me interessava por banda desenhada: o Major Alvega, Mandrake, Zorro, heróis que marcaram gerações. Um dia adoeci e fiquei preso em casa, teria doze, treze anos. Ela escolheu um livro para eu ler: Júlio Verne, “Viagem ao Centro da Terra”. Devorei o livro, adorei todos os outros livros deste autor que trouxe da biblioteca do meu avô. Devo à minha Mãe a sábia escolha do primeiro livro que me prendeu e que “acordou” o meu amor pela palavra escrita! Depois viria Eça, Borges, Kafka, tantos outros...

“SEMPRE CHEGAMOS AO SÍTIO AONDE NOS ESPERAM”, JOSÉ SARAMAGO, “A VIAGEM DO ELEFANTE”

JLC - Fui, dos três irmãos, o que mais preocupações deu aos meus Pais. Falhei o ingresso no exame de admissão ao Liceu, devido a uma hepatite que contrai numa traumática passagem pelo Colégio dos Salesianos, no Estoril. Tal como os meus Pais, não fui baptizado e, por essa razão, os Padres infernizaram literalmente a minha vida; ainda hoje sinto desconforto ao entrar numa igreja...

Inviabilizada a hipótese do liceu, ingressei na Escola Técnica e Elementar Francisco de Arruda, em Lisboa, seguiu-se a Escola Comercial Veiga Beirão, no Largo do Carmo, onde o meu querido Salgueiro Maia negociou a entrega do

poder da ditadura aos capitães de Abril. Cheguei finalmente ao Instituto Comercial, onde tive uma disciplina que me fascinava: filosofia.

AVPA – Percorreu um caminho de altos e baixos até encontrar o curso certo para si. Como foi esta descoberta da Filosofia?

JLC – Já havia alguns sinais... aconteceu que uma tia, irmã do meu Pai, estudou Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Um dia, por mero acaso, encontrei lá em casa os seus apontamentos das aulas que li integralmente. Sócrates, Platão e Aristóteles vieram ao meu encontro, eles, os filósofos gregos de que tanto gosto e que são um exemplo para a humanidade! Sócrates foi condenado à morte, entre outras razões, porque era panteísta como seria mais tarde Espinoza que defendia que Deus e o Universo são a mesma coisa. Ainda hoje impressiona a dignidade com que Sócrates enfrentou a morte, nunca vacilando na defesa dos seus princípios éticos.

Aqueles apontamentos foram a pedra de toque que confirmaram que a Filosofia seria a minha área de estudo! Matriculei-me no ISLA, no curso de jornalismo e concluí o primeiro ano com sucesso, mas cedo percebi que aquele era um mundo-cão de uma competitividade extrema. O meu Pai teria gostado que eu seguisse Ciências Eco-

nómico-Financeiras; contudo, aceitou pacificamente a minha opção porque, na verdade, apenas lhe importava que eu fizesse um curso superior.

E assim entrei no curso de Filosofia da Faculdade de Letras. Eu que já chumbara quatro vezes (digo baixinho para ninguém ouvir), completei os cinco anos com êxito. Faria mais tarde o Mestrado, no tempo de uma Ministra da Educação de má memória, Maria de Lurdes Rodrigues!

Fui aluno de José Barata Moura, um professor extraordinário! Mas o Professor que me marcou profundamente para a vida foi o Padre Manuel Antunes, senhor de um saber ilimitado, sabia tudo e mais alguma coisa.

Ficávamos duas horas a ouvi-lo no anfiteatro, tocava para a saída e ninguém se levantava. Leccionava a cadeira de “Cultura Clássica”, acedeu ainda a dar-nos Platão, Aristóteles...

O Padre Manuel Antunes é, sem dúvida alguma, um dos mais destacados pensadores portugueses do século XX.



José Lança-Coelho

**Mãe infinita,
De vontade indómita,
Que do teu ternurento
abraço,
Brota a amizade emé-
rita,
Desfazendo a incógni-
ta,
Da angústia do tempo e
do espaço**

AVPA – No sec. XXI, tem algum pensador de referência?

JLC – Descobri há al-

guns anos um filósofo e escritor italiano que muito admiro: Umberto Eco, professor de filosofia na Universidade de Bolonha, celebrizado pelos seus romances históricos e filosóficos que veiculam o seu pensamento: o “Nome da Rosa”, “O Pêndulo de Foucault”, “Baudolino”, “A Ilha do Dia Antes”. Li todos os seus livros. Com ele partilhava o amor pelo futebol: onde quer que se encontrasse, ao domingo telefonava religiosamente para Roma para saber se o seu clube ganhara!

“SEMPRE IMAGINEI O PARAÍSO COMO UMA ESPÉCIE DE BIBLIOTECA”, JORGE LUÍS BORGES

AVPA – Falemos agora de livros e de bibliotecas...

JLC – Tenho a felicidade de ter uma biblioteca com cerca de cinco mil volumes que cobrem todas as áreas da Cultura Humana. Para além dos meus livros pessoais, que são muitos, herdei as bibliotecas dos meus Pais e as dos meus avós (a do meu avô materno regista dois mil livros) e ainda a do Pai da Inês, a minha mulher, que comprava livros em alfarrabistas. É absolutamente impraticável acomodar tantos livros em casa, razão pela qual muitos deles estão devidamente acondicionados num outro espaço. Comigo tenho Eça, Pessoa, Torga, Herculano, Sophia, a obra completa de Natália Correia e mais uns quantos autores. Dos escritores contemporâneos tenho os livros do meu amigo Miguel Real, um escritor de grande fôlego.

Tenho quarenta e cinco livros do Camilo que eram do meu avô, uma edição muito antiga; tenho também uma edi-

ção de Alves Redol que o meu Pai ofereceu à minha Mãe quando namoravam: “Gaibéus”, “Marés” e “Avieiros”, livros do período do neorrealismo.

AVPA - José Lança-Coelho fala-nos longamente do seu encantamento por Miguel Torga. Quando ficou viúvo, muito novo ainda, foi viver para casa da Mãe onde passou seis meses a ler. Leu três vezes os dezasseis volumes do “Diário” de Torga!!! Como se fosse coisa pouca, ainda os anotou e, depois, fez caderninhos que vendia. Falamos de alguns milhares de páginas, de um trabalho de enorme alcance e saber! Quem não gostaria de poder adquirir um destes “caderninhos”?

JLC - O “Diário” é uma obra extraordinária, de prosa e poesia que desenha o retrato profundo de Miguel Torga como um homem comum, com as suas fragilidades e humanidade. Antifascista convicto, aprecio todas essas vertentes. Estou a escrever um livro “Diário de Botelho”, sobre o professor primário que influenciou a sua formação. Obrigava os alunos a apanhar ninhos para comer os ovos...

AVPA – Miguel Torga escreveu um delicioso e ternurento poema que evoca as vivências de infância. Chama-se “Segredo” e diz assim:

Sei um ninho
E o ninho tem um ovo
E o ovo, redondinho
Tem lá dentro um passarinho
Novo
Mas escusam de me atentar:

Nem o tiro nem o ensino;
Quero ser um bom menino,
E guardar
Este segredo comigo,
E ter depois um amigo
Que faça o pino
A voar...

AVPA - Desdobra-se entre a leitura e a escrita...

JLC – É isso, convém não esquecer que venho da filosofia, uma disciplina de leitura e reflexão. Tenho trinta livros publicados, dos quais destaco: O Enigma da Gruta, Romance; Livro de Ponto – Contos; O Ti Lendas Contou - Lendas do Concelho de Oeiras; Contos do Monte – Contos do Alentejo; Pequenas Histórias para Gente Grande – Short Stories; André Brun - Antologia de Textos e Anedotas sobre a Grande Guerra de 1914/18.

Sabe que tenho, desde 2020, um livro de contos policiais publicado em formato digital, acessível a quem o quiser ler?



Foi escrito sob o pseudónimo “Joe Lance”, o título é: “Um Detective Apresenta-se”.

Primeiro Prémio da Associação Portuguesa de Escritores/1998, categoria literatura infanto-juvenil. Foto de José Mendonça.

Os livros que escrevo são um prolongamento da minha paixão pela escrita, comecei a escrever prosa aos dez anos. Aos dezanove anos editei o meu primeiro li-

vro de poesia e ofereci-o à minha Mãe, são os “Poemas da minha carne”! Passei-os à máquina e coleí as páginas com a ajuda de uma namorada da altura. Fiz um exemplar único, são quarenta e tal poemas. Gostava tanto, tanto de escrever que, por essa altura, pedi ao meu Pai para me comprar um monte no Alentejo para poder escrever, escrever, escrever!

Os meus alunos de Trás-os-Montes e os do Alentejo, uns miúdos fantásticos, inspiravam-me a escrever e a contar histórias; aprendi muito com eles, foram uma maravilhosa fonte de inspiração. Na trama introduzia sempre factos que os atraíssem. Por exemplo, no livro “O Caso do Homem dos Mil Nomes – Biografia de Fernando Pessoa,” dei-lhes a conhecer o nosso poeta e os seus heterónimos de uma forma descomplicada; o mesmo se passou com “O Caso do Estranho Náufrago - Biografia de José Saramago”. Enviei o livro ao nosso Prémio Nobel; de Lanzarote chegou uma carta sua que começa assim:

“Prezado Lança-Coelho, Diverti-me a ler a minha biografia contada aos mocinhos...”. Termina: “Aceite os melhores cumprimentos deste “náufrago”. Assinado, José Saramago! A carta que tanto me toca está devidamente emoldurada e bem guardada. Escrevi mais livros nesta linha, por cá continuam a aguardar um editor...”

Mãe rochedo,
Transbordante de qualidades,
Que velas por teus filhos,
Afasta o medo
Preservando as identidades,
Dos teus cadilhos

AVPA - Da sua investigação sobre a His-

tória de Portugal nasceu o livro “Tramas e Novelos com Punhos de Renda – História da Monarquia Portuguesa” que desmistifica os feitos de alguns heróis da nossa história, revelando uma realidade surpreendente e pouco edificante....

JLC – A escola de Salazar falava-nos apenas de santos e de guerreiros, mas sabemos hoje que não era assim. Dou-lhe um exemplo, poderia dar mais:

A ideia que temos do amor trágico de Pedro por Inês de Castro fica manchada por factos históricos que eram desconhecidos e que estão hoje **absolutamente comprovados**. D. Pedro envolveu-se física e afetivamente com três homens. O episódio mais documentado envolve o seu escudeiro, Afonso Madeira, que o traiu com uma dama; apanhado em flagrante, o ciumento D. Pedro ordenou que o jovem escudeiro fosse castrado...



Beatlemania. Foto de Margarida Maria Almeida

AVPA – Continua a escrever e a fazer investigação?

JLC – Sempre. Tenho cerca de cem livros finalizados para publicação. Não é fácil, as editoras preferem autores conhecidos para rentabilizarem os investimentos. Estou a escrever um outro livro que começa com a implantação da República e acaba nos nossos dias...

THE BEATLES: A MAIS CARISMÁTICA E MAIS EXTRAORDINÁRIA BANDA DE TODOS OS TEMPOS

AVPA – De onde vem a sua ligação a Paço de Arcos?

JLC – Vivi em Paço de Arcos desde os nove anos de idade. A família instalou-se em 1959, vivíamos numa vivenda com um *quintalão* fabuloso! Éramos cinco: os meus Pais, eu e os meus dois irmãos. O meu Pai cedeu-nos generosamente a parte de baixo da casa, um espaço amplo onde fizemos uma “boîte”. Roubávamos tábuas e tijolos nas obras para improvisar prateleiras; os cinzeiros tinham a gravação “Sociedade Estoril” e chegavam-nos dos comboios, todos *trabalhávamos* para o mesmo. Tanta história para contar desses tempos épicos!

AVPA – Foi um jovem desalinhado que vivia com intensidade

JLC – Digamos que sabia levar a água ao meu moinho. Gostava de motos, mas gostar, gostar mesmo, era e é de futebol! É uma paixão que me acompanha ao longo da vida. Sou benfiquista, seguia todos os jogos do meu clube, tive sempre uma grande admiração/veneração pelo Eusébio...

AVPA - No dia em que conversamos, por coincidência ou não, José Lança-Coelho

veste uma sugestiva t-shirt preta, estampada com uma imagem dos Beatles. A Benetton lançou uma colecção oficial de roupa inspirada em imagens e grafismos da banda. Bonito de se ver, os Beatles estão vivos.

É lendária a sua veneração pelos Beatles. Aos oitenta e três anos, o jovem Sir Paul McCartney acaba de lançar o seu 20º CD a solo. Chama-se “The Boys of Dungeon Lane” e é uma viagem à infância nas ruas de uma Liverpool do pós-guerra, onde passeava com o amigo George Harrison, bem nosso conhecido.

Já comprou o CD? Que impacto tiveram os Beatles na sua juventude?

JLC – Já ouvi na TVI, mas ainda não tive oportunidade de comprar o CD. Para mim, os Beatles representaram uma fantástica revolução em todos os aspectos da minha vida. Os Beatles foram a revolução que eu esperava e que me tirou deste cinzentismo que era o Portugal do salazarismo. Os Beatles corporizavam a esperança de mudança que os jovens ansiavam.

Soube da sua existência através de uma professora de inglês que nos falou de uma banda inglesa que fizera um concerto em



“Poemas da minha carne”
– O primeiro livro de poesia

que estava presente a Rainha de Inglaterra. Um dos elementos da banda - John Lennon – tivera a ousadia de pedir ao público que ocupava os lugares mais baratos para baterem palmas; aos outros – a Rainha e

o seu séquito - pediu que chocalhassem as joias.

Entusiasmados com tamanha irreverência, ouvíamos o programa “Em Orbits”, de Cândido Mota e a “23ª Hora”, sempre a passarem as canções dos Beatles. A banda teve grande impacto na minha geração e na minha vida, eles vieram ao encontro do nosso desejo de contestarmos uma sociedade conservadora e a ordem estabelecida. Deixámos crescer o cabelo, usávamos jeans, casacos de cabedal...

O meu Pai exigia que eu fosse semanalmente cortar o cabelo, eu desobedecia, o cabelo comprido era uma imagem de marca e de rebeldia. Nessa fase tive sempre o apoio da minha fantástica Mãe...

AVPA – Não falámos do seu Alentejo ...

JLC – O Alentejo é uma paixão muito especial. Beja é a terra do meu avô, comprei um monte em S. Teotónio, vivi lá uma parte da minha vida. Dei aulas, os miúdos eram tão autênticos! Foi um período em que escrevi um livro de poesia e outro de prosa.

AVPA – Foi professor do ensino secundário. O ensino é paixão?

JLC – Durante alguns anos foi bom. Dava aulas de história e de filosofia. Quando vivia no campo cheguei a dar aulas ao ar livre, recordo ainda aqueles alunos, o destemido Jacinto que apanhava cobras com as mãos. Ainda me escrevem mails, pedem-me a reedição dos primeiros livros para os seus filhos lerem. Continuo a dar aulas, agora nas Universidades Seniores de Oeiras e de Carnaxide.

AVPA – O que pensa fazer aos cem livros



José Lança-Coelho - Ideais de Abril

que já finalizou e que não foram ainda publicados?

JLC – Tenho pensado na hipótese de os oferecer a uma organização que os possa publicar, prescindindo dos direitos de autor, apenas gostaria de garantir a sua difusão.

AVPA – Colabora no Jornal “A Voz de Paço de Arcos”, os seus textos acrescentam-nos qualidade. No último número e ainda no contexto do 200º aniversário de Camilo escreveu um artigo que diríamos surpreendente...

JLC – Achei interessante dar a conhecer os inúmeros pseudónimos que o escritor usou em diversas circunstâncias para assinar as suas obras. O artigo vai continuar no próximo número....

AVPA – Que boa notícia essa! Com a sua Mãe, o Jornal “AVPA” entrava-lhe porta dentro sem pedir licença. A Voz completou agora, dia um de Junho, Dia Mundial

da Criança, quarenta e sete anos de vida, quase, quase a virar a esquina do meio século; a Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos” fez onze no dia vinte e três do corrente mês.

Que relação é esta, que emoções lhe traz o Jornal a que a sua Mãe tanto deu? Tem críticas, sugestões para um futuro melhor?

JLC – Por razões óbvias, estou afetivamente muito ligado ao Jornal, acompanhei sempre a minha Mãe que trabalhava muito, sobretudo na revisão, também como entrevistadora, poeta, contista. Pessoalmente, desempenhei funções de editor durante largos anos, até à minha saída de Oeiras.

Penso que o Jornal deveria ser pago por todos nós e não apenas pelos associados que pagam quotas.

Embora reconheça que há alguns artigos interessantes, gostaria muito de poder ler mais matérias de âmbito cultural. Talvez seja deficiência de formação...

Parabéns pelo duplo aniversário. Desejo muito sucesso e uma longa vida ao Jornal “A Voz de Paço de Arcos”.

Mãe coragem,
Que um amador do verso,
Em rimas quis cantar.
Aceita esta homenagem,
Que nada tem de perverso,
Nem te quer fazer chorar

AVPA – Muito obrigada pela disponibilidade com que nos recebeu.

*Margarida Maria Almeida
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

⁽¹⁾Poema de José Lança-Coelho, in Jornal “A Voz de Paço de Arcos”, n.13, Outubro 2017.

13 anos Trabalhando por você!



Especialista em:

Toldos e Pérgolas

Pérgolas Bioclimáticas

Cortinas de Vidro

Telhados móveis e fixos

Estruturas Para Toldos

Prt para Janelas

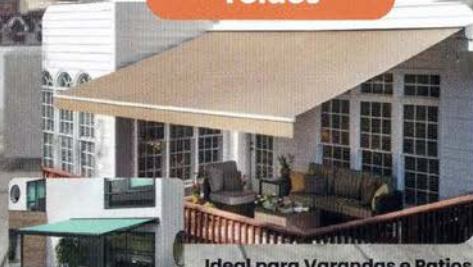
Orçamento
Gratuito

Pérgolas



Ideal para terraços e patios

Toldos



Ideal para Varandas e Patios

Região de Lisboa

☎ 212 489 717
☎ 934 881 038

Região de Porto

☎ 934 784 568
☎ 937 848 760

Contacte-nos!

📧 toldosmartins.com
✉ contacto@toldosmartins.com



No 200º Aniversário (1825-2025) de Camilo Castelo Branco

(continuação do número anterior)

Continuando a elencar os inúmeros pseudónimos utilizados pelo escritor Camilo Castelo Branco ao longo da sua vastíssima obra, abordaremos os seguintes:

14 - «EGRESSO BERNARDO DE BRITO»

BRAGA (ANTÓNIO) ULISSES DOS SANTOS» (1849-1902) - Licenciado em Medicina, consultou diversas vezes, Camilo desesperançado com os recursos da medicina tradicional, motivo pelo qual manteve uma polémica jocosa em *As Novidades* (1887), com Francisco Martins Sarmento, que tem como tópicos a História e a Arqueologia. Polémica constituída por cinco artigos, distribuídos do seguinte modo: três são da autoria de Camilo, que abriu e fechou a polémica e os restantes dois pertencem a Martins Sarmento que, curiosamente, os assina com o pseudónimo de «F. Fagundes».

15 - ANÓNIMO

Camilo deixou o seu nome ligado ao comentário, embora o tenha feito anonimamente, do *Cancioneiro Alegre de*

Poetas Portugueses e Brasileiros, editado por Ernesto Chardron, em Abril de 1879. O curioso é que Camilo participa nesta Antologia como poeta, assinando com o seu nome.

16 - «CAROLINA DA VEIGA CASTELO BRANCO»

Este pseudónimo foi, inicialmente, identificado com a irmã de Camilo - Carolina Rita Botelho Castelo Branco. Assim, foram-lhe atribuídos quatro poemas da autoria de Camilo, publicados em quatro jornais, até que se concluiu que estas composições não poderiam ter sido escritas por uma mulher, nem por quem quer que desconhecasse a arte poética, e que este nome era mais um pseudónimo.

17 - ANÓNIMO

Quando Alexandre Herculano publicou a sua *História de Portugal*, em 1846, onde negava o episódio do milagre de Ourique que dizia que Cristo aparecera



CONTACAXIAS

Organização e Gestão de Empresas, Lda

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE

IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)

PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL

PROJECTOS DE INVESTIMENTO

AUDITORIA

Rua Ernesto Veiga de Oliveira, 18 D 2780-052 Oeiras

Telf. 214461740/8 * Fax 214461749

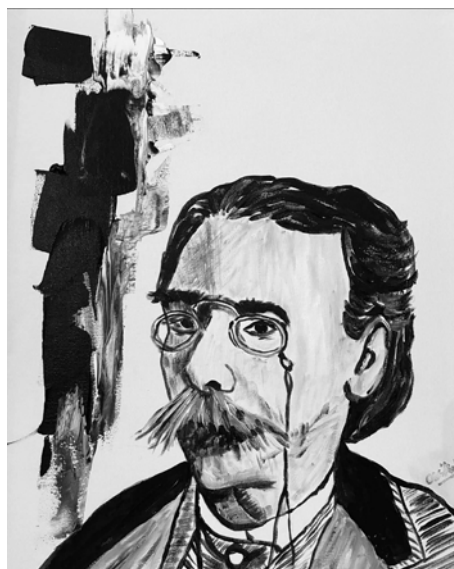
a D. Afonso Henriques antes da batalha contra os Mouros, foram muitos os autores que o apoiaram e o contestaram. Camilo entrara havia pouco, para as Letras, mas mesmo assim não deixou de intervir na polémica com um *Herculano*, editado em Lisboa, em 1846.

18 - «MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO»

JOSÉ MENDES ENXÚNDIA - Com este pseudónimo, já Camilo falara do pai da escritora em título, no ano de 1855. Depois, afirmaria em dois locais diferentes, que Maria Amália Vaz de Carvalho descendia de Sá de Miranda, sendo a sua undécima neta.

19 - «JOÃO JÚNIOR»

Pseudónimo utilizado por Camilo no 1º volume de uma série de 12, com o título genérico de «Solemnia Verba/ Última palavra da ciência», as *Cenas da Foz* (1887), publicadas originalmente no jornal *A Aurora do Lima*. Camilo atribui a João Júnior as seguintes qualidades:



sócio da Filarmónica e irmão da Ordem Terceira de São Francisco.

20 - ANÓNIMO

Em 1850, Camilo publica anonimamente, em Lisboa, o folheto *O Clero e o Senhor Alexandre Herculano*, intervindo assim na histórica polémica “Eu e o Clero”, polémica que opôs Herculano

**Ofetalopticas**
A olhar o futuro.

 **optivisão**

 ofetal@ofetal.pt
 www.ofetal.pt
 [facebook/ofetalopticas](https://facebook.com/ofetalopticas)

Oeiras Vila Rua João Teixeira Simões, 3 2780-254 Oeiras T. +351 214 425 100	Moinho das Antas Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5A 2780-241 Oeiras T. +351 214 427 944
Oeiras Fórum Rua Dr. José da Cunha, 33B 2780-187 Oeiras T. +351 214 415 916	Paço de Arcos Rua Costa Pinto, 95-97 2780-582 Paço de Arcos T. +351 214 422 717

e a Igreja Católica, acerca da batalha de Ourique, onde se teria dado o aparecimento de Deus ao rei D. Afonso Henriques. Camilo e Ana Plácido encontravam-se presos, aquando da saída do folheto. Logo que chegou ao Porto, Camilo reivindicou a paternidade deste folheto, publicando-o em *O Nacional*.
21 - «ERMELINDA PEREIRA DA COSTA»

Este pseudónimo criado por Camilo servia para Ana Plácido, que foi proibida, entre outras coisas, a troca de correspondência com Camilo.

Depois de algumas peripécias, o casal fugiu para o Porto, de onde partiu para São João da Foz, onde viveu nos mesmos moldes em que fizera em Lisboa.

22 - «O CRONISTA»

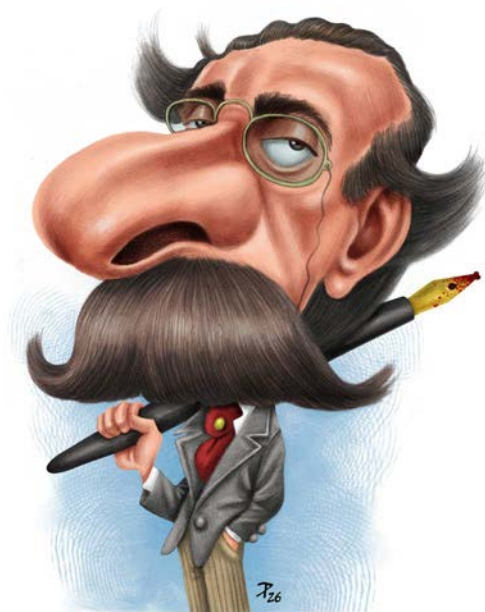
No *Eco Popular*, de 25 de janeiro de 1849, Camilo utilizou este pseudónimo pela primeira e única vez.

23 - «O FELIZARDO»

Com este pseudónimo, Camilo colabora na Revolução de Setembro, apesar de estar preso.

24 - «VISCONDE DE CORREIA BOTELHO»

Este pseudónimo, título nobiliárquico atribuído pelo rei a Camilo e, com o qual, o escritor assinou o prefácio de João Marcelino Arroio,



publicados em 1885, pela Imprensa Portuguesa.

José Aguiar Lança-Coelho
Licenciado e Mestre em Filosofia

Créditos das Pinturas:

Cecília Vilas Boas

facebook.com/profile.php?id=61568481740454

instagram.com/ceciliavilasboas_art

Pedro Ribeiro Ferreira

facebook.com/pedro.r.ferreira.9003

pedroribeiroferreira.blogspot.com



Av. dos Fundadores, 59-A
12770-072 PAÇO DE ARCOS
Tel. 21 441 02 85

CONCURSO FOTOGRAFIA OEIRAS



2026



INSCREVA-SE

INSCRIÇÕES ABERTAS

É fácil participar
e há prémios para ganhar

Leia o código ou visite o link abaixo

urlkub.co/2TCFj9

ORGANIZAÇÃO



APOIO



A Capela de Nossa Senhora do Carmo

Tiago C. P. dos Reis Miranda

Quem tenha vivido em Laveiras ou em Caxias nos anos cinquenta ainda se há de lembrar de percorrer em procissão os pequenos templos do bairro. Eram, na altura, incluídas nas festas as capelas das quintas do Lagoal, da Fonte Nova, da chamada “Casa do Arco” e de Massarelos. Todas elas tinham idades relativamente distintas, sendo, decerto, mais velhas as duas últimas. A dos Ferrões Castello-Brancos datava já de 1935, embora tivesse um traçado a condizer com o da sede setecentista.

Contemporânea da casa vizinha, “dos Almeidas Belos”, era a que então se encontrava, dessacralizada, no palacete ocupado pelo Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM). Chamara-se, em tempos, capela de Nossa Senhora do Carmo; e, por testemunhos que recentemente se publicaram, podemos dizer que, sobre finais do século XVIII, se transformava em local de romagem a meio de julho, em consonância com o calendário litúrgico (cf. Ana Gaspar em <https://espacoememoria.org/2021/08/13/>).

Esse espaço devocional não figura na relação das ermidas das “Memórias pa-

roquiais de Oeiras” de 1758. Surgiria, porém, pouco depois, nos assentos sacramentais da igreja matriz. Salvo erro, os primeiros batismos que ocorreram em Nossa Senhora do Monte do Carmo foram os dos gémeos Manuel e Martinho, filhos de D. Francisca Clara Lobo de Valadares Sotomaior e de Martinho Teixeira Pequeno Chaves, seu marido, recebidos na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, mas moradores em Caxias. Os avós paternos eram o trasmontano André Pequeno Chaves e a lisboeta D. Sebastiana Maria Leonor da Silveira, casados na igreja paroquial do Socorro. Os avós maternos eram Francisco Lobo de Valadares Sotomaior, familiar do Santo Ofício, e uma senhora chamada Antónia Madalena, provavelmente de modesta linhagem. D. Francisca Clara Lobo de Valadares fora, aliás, batizada, em 1731, na freguesia da Pena, como filha ilegítima.

Aceitaram ser padrinhos de Manuel o monsenhor da Patriarcal Pedro da Costa de Almeida Salema, antigo ministro



RESTAURANTE
Borges

Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)
B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos

TAKE-AWAY

ENCOMENDAS 214432659/938499790

Taxa de entrega 3,50€, gratuita a partir de 25€

Horário: 12/15h - 18/21h Seg. a Sáb | 11/15h Domingo

MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS



Vista da fachada sul do Paço Real de Caxias. Fotografia do autor (2026).

na corte de França, e D. Ana José Rita da Cunha de Eça e Meneses, esposa de Manuel Gomes de Carvalho da Silva, militar e fidalgo da Casa Real: ambos representados por procuração, tocando pelo religioso José Elias de Campos. Martinho foi apadrinhado pelo capitão-general e governador da Madeira João António de Sá Pereira e teve como madrinha D. Leonor Maria da Silveira, “moradora em Cachias”. João António era parente dos Secretários de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, e Francisco Xavier de Mendonça Furtado. D. Leonor Maria da Silveira, também referida como D. Leonor Teresa da Silveira ou como D. Leonor Maria Micaela da Silveira, mulher de José Elias de Campos, era irmã de Martinho Teixeira Pequeno Chaves e, portanto, tia paterna dos gémeos.

José Elias de Campos, filho de João de Campos de Andrade e de D. Margarida Freire de Andrade, natural das Mercês,

casara-se com Leonor aos 27.12.1755, no oratório das casas dos sogros, em Lisboa. O seu pai e o seu avô haviam ocupado lugares de destaque nos Contos do Reino, conquistando crescentes distinções de nobreza. Fidalgo desde menino, José Elias começara por ter um ofício nas cavaliças e cevadarias da Casa do Infante D. Francisco. Fora, depois, escrivão serventuário (1728), escrivão efetivo (1731), contador (1737), executor (1753), provedor (1754) e provedor das ementas dos Contos do Reino (1755). Ao desposar-se, servia, igualmente, de administrador das obras do Infante D. Pedro, herdeiro da Casa do Infantado. Em 1758, ascenderia a tesoureiro geral das rendas da dita “casa e chancelaria”, com o encargo suplementar de executor (Ver, sobretudo, PT/TT/TSO-CG/A/008-001/14986; António Delgado da Silva, *Collecção da legislação portuguesa: 1750-1762*. Lisboa: Typografia Maignrense, 1830, p. 609; António Caldeira Pires, *His-*

tória do Palácio Nacional de Queluz. Vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, *passim*, e António de Sousa Franco e Judite Cavaleiro Paixão, *Magistrados, dirigentes e contadores do Tribunal de Contas*. Lisboa: Tribunal de Contas, 1995).

Esse distinto oficial financeiro começara a reunir em Caxias os seus primeiros terrenos ainda durante o reinado de D. João V. Nos papéis do Mosteiro dos Brunos, há referência à aquisição de umas casas na praia em 1747 (PT/TT/HLV/M12/000036). Treze anos mais tarde, D. Leonor Maria Micaela e o marido registariam uma escritura de doação de 12 mil réis anuais à sua nova ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo (PT/TT/CR/E-C/006/2411). Os memoriais de Francisco Ildefonso dos Santos datam mais ou menos do mesmo momento, e pelos mesmos dois personagens, a fundação de um casal e de uma quinta, ora em Laveiras ora em Caxias (Vol. II, pp. 131 [164.^o] e 142 [102.^a]). E o cruzamento do conteúdo dos róis de confessados locais com o da série dos livros das décimas do município de Oeiras parece deixar poucas dúvidas de que a terra em que se ergueu esse pequeno espaço de devoção particular constituía a cabeça dos projetados domínios do tesoureiro geral.

Ainda nos livros sacramentais, cabe aqui referir os assentos de óbito do mendicante Silvestre Ferreira e do possivelmente também desvalido Manuel de Figueiredo, em 1766, porque tanto num caso como no outro a morte surpreendeu-os “em cazas de José Elias de Campos, no lugar de Cachias”. Em fins de setembro de 1768, expiraria o próprio executor do Infante D. Pedro, com todos os ritos da praxe, mas sem testamento. Teria 76 anos

de idade. Foi a enterrar em Lisboa, no aruinado Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Percebe-se, assim, que a invocação da ermida instituída com a esposa correspondia a uma firme predileção pessoal.

As propriedades de José Elias de Campos estariam na posse do Infante D. Pedro já no início dos anos setenta. Sobre as razões e as circunstâncias da sua integração na Casa do Infantado, o extenso tombo oitocentista do almoxarifado de Caxias, tão relevante para o conhecimento da história da Quinta Real e do seu património, parece ser omissos. Outros registos não de explicá-lo. Considerando, entretanto, os atuais e os futuros trabalhos de conservação e restauro do antigo espaço palaciano, convém assentar que, por debaixo de várias camadas de consecutivas intervenções, repousará o desenho da moradia de um fidalgo prestigiado pelo saber contabilístico e pela habilidade para a gestão (Figura 1). Isso significa que, na sua génese, a capela do Paço Real de Caxias é, de facto, um testemunho da expressão religiosa das nobres casas rurais edificadas nos arredores de Lisboa a partir do final do século XVII (cf. a dissertação de mestrado de João Vieira Caldas, defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1988 e publicada pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 1999). A seu tempo, terá tido muitos dos elementos arquitetónicos e ornamentais que ainda hoje se encontram nas suas duas “irmãs” na localidade: a ermida de Nossa Senhora da Conceição, da Casa de Massarelos, e a de São João Batista, da “Casa do Arco”. Vlerá a pena redescobri-los.

Luciano Cordeiro (1844-1900)

(continuação do número anterior)

E escolhi temas diversos para ilustrar o ecletismo da sua formação e investigação cultural.

Vou debruçar-me sobre os três que me parecem mais conhecidos:

Em “**Sóror Mariana – a Freira Portuguesa**”, Luciano Cordeiro (LC) tentou provar a existência histórica da freira de Beja, Mariana Alcoforado, a quem se atribuem as famosas “*Lettres Portugaises*” (Cartas Portuguesas), escritas a Noel Bouton, Conde de Chamilly, capitão de cavalaria, que estava em Portugal com as tropas francesas que vieram em auxílio, depois da Restauração. Cartas que foram editadas em França, em 1669, e que agitaram alguma Europa e que fazem parte do nosso imaginário romântico.

Em “**Diogo Cão**”, descobridor do Congo (Zaire), LC fornece dados biográficos do navegador, defendendo que é oriundo de Vila Real, familiar de Fernão de Magalhães, também transmontano, de Mangualde. Diogo Cão, introduziu os padrões de pedra (1484), em vez das cruzes de madeira, usadas até então. LC, estudou os padrões que



regressaram a Portugal, 400 anos depois e que guardou na Sociedade de Geografia.

Mas antes de mergulhar no estudo e decifração dos padrões, até porque lhe tinham sido pedidos elementos originais para inscrever nas réplicas em preparação, LC discorre com entusiasmo sobre as suas convicções. Afirma acreditar, com razões morais, mas também factuais e documentais que o Brasil



Mercedes-Benz

Auto Caxiense

R.A. Mercedes



smart

MECÂNICA
PINTURA EM ESTUFA
ELECTRICISTA
BATE-CHAPA

BANCO DE ENSAIO
COMPUTADOR DE TESTES
(diagnóstico de avarias)

Rua João Alves de Carvalho, 6 e 8
2760-126 CAXIAS

autocaxiense@sapo.pt
Tel. 21 443 51 42
21 446 13 36

não foi descoberto por acaso, como se acreditava. Hoje, sabe-se que o tratado de Tordesilhas foi negociado, tendo já em vista o Brasil. Também em relação à descoberta da América tem posição semelhante. E hoje, acredita-se que o grande argumento que Colombo usou junto dos Reis Católicos (que já lhe tinham recusado o apoio) teria sido, exactamente, o seu conhecimento da América, através de um marinheiro estrangeiro que lhe transmitiu o segredo.

Vamos deixar as investigações dos descobrimentos e passar às princesas “**Berengária e Leonor, Rainhas da Dinamarca**”. Quantos sabem hoje que duas formosas mulheres portuguesas foram rainhas da Dinamarca? Assim, LC abre o seu relato histórico, dando-nos nota de uma linha genealógica que passa pelo Rei D. Sancho I e D. Dulce, os seus quinze filhos e, dentre eles, a infanta D. Berengella, latinizada em Berengária. Trata-se de um livro de 1893, que foi reeditado em 1894, para comemorar a visita, nesse ano, de Afonso II. A história destas duas princesas não tem só o lado cor-de-rosa, tem também o lado dramático e LC fez um relato bem apaixonado, talvez um pouco emotivo, mas é isso que seduz o leitor.

E quando os historiadores mais rigorosos contam apenas a História dos factos e dos documentos, talvez estejam a esconder o melhor que a vida contém: a alma!

Em **Batalhas da Índia – Como se perdeu Ormuz**, escrito numa casa de Paço de Arcos, faz parte de um estudo sobre as batalhas dos portugueses com os persas e os ingleses no Golfo Pérsico. Ormuz foi conquistada por Afonso de Albuquerque, em 1507. Ormuz fica no actual Irão, com o qual já estivemos então em guerra! Ormuz foi portuguesa, durante 115 anos, e perdeu-se em 1622. Neste livro, LC mostra como se perdeu esta praça. Segundo ele, o procurador real, em Goa, processou o filho do governador da Índia, alegando que seu pai fora culpado pela perda de Ormuz.

Este livro, escrito em Paço de Arcos, marcou o 4º Centenário da Descoberta da Índia, sendo uma publicação da Sociedade de Geografia, impresso na Imprensa Nacional, em 1896.

Luciano Cordeiro foi um apaixonado por África e, do lugar privilegiado que era a Sociedade de Geografia, dedicou muitos dos seus melhores escritos aos exploradores portugueses que iam deslumbrando o país e o mundo com as suas aventuras no interior mais pro-



RESTAURANTE PARAÍSO DE CAXIAS

Take-Away

Estrada da Gibalta, N.º 18, C. Comercial, loja 4 CAXIAS

Telef.: 216 015 752 Telem.: 914876 154

fundo do continente africano.

E sempre deverá ser lembrado como homem de letras, versátil, apaixonado pelo seu país e responsável por termos hoje os marcos históricos -Padrões-, que os descobridores colocaram nas terras conquistadas.

LC integrou o Movimento Cultural de fim do séc. XIX, de onde surgiram os romances de Eça, “O Crime do Padre Amaro” e “O Primo Basílio”.

E na pintura, surgiram os grandes pintores portugueses, como Malhoa, Silva Porto, Columbano e Rafael Bordalo Pinheiro, com os seus quadros conhecidos e ainda hoje muito apreciados, como “O Fado” de Malhoa e “O Zé Povinho” de Bordalo Pinheiro. No entanto, se pudesse escolher, elegeria Silva Porto como o melhor pintor desta época de ouro, da arte e da literatura, em Portugal. Em 1901, este grupo, conhecido como o “Grupo do Leão”, viria a fundar a Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Poucos dias antes de morrer, em Lisboa, a 24 de Dezembro de 1900, LC confessava aos amigos que se sentia mais vigoroso do que aos 25 anos. Penso que quis dar ânimo aos seus correlegionários, para continuarem a luta por um Portugal melhor.

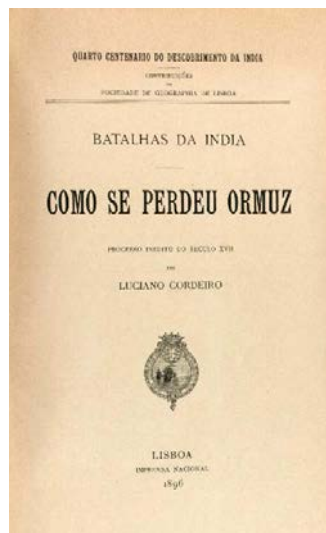
Como se percebe por este refrescamento da nossa História, LC esteve sempre no centro das atenções, pela sua produção literária, pelo sucesso dos seus projectos (CARRIS e Sociedade de Geografia), pe-

las suas investigações históricas e pela sua autoridade e capacidade interventiva num dos períodos mais férteis de actividade intelectual, em Portugal.

Membro de várias e importantes agremiações, tanto nacionais como estrangeiras, em todas foi assaz considerado.

Foi deputado às cortes pelos círculos do Mogadouro e de Leiria.

Tinha o grau de oficial da ordem de São Tiago, e de comendador da Legião de Honra.



Jorge Golias

(escreve de acordo com a antiga ortografia)

CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

**Reparação de máquinas de costura
de todas as marcas**

Fanqueiro, Retroseiro e Têxteis Lar

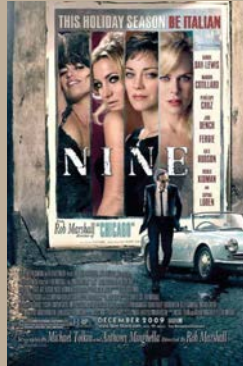
Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS

Cinema do Século XXI

PROGRAMA

Auditório Municipal Maestro César Batalha,
Oeiras (15h30)

14 Julho “Nine” – “Nove” (2009) de Rob Marshall (M12), 114m (musical, romance)
Com: Daniel Day-Lewis, Marion Cotillard, Penélope Cruz, Nicole Kidman, Judi Dench, Kate Hudson, Sophia Loren, Fergie.



21 Julho “Unbreakable” – “O Protegido” (2000) de M. Night Shyamalan (M12), 102m (drama, suspense)
Com: Bruce Willis, Samuel L. Jackson, Robin Wright, Laura Regan, Spencer Treat Clark.



28 Julho “Ocean’s Eleven” – “Ocean’s Eleven – Façam as Vossas Apostas” (2001) de Steven Soderbergh (M12), 112m (suspense, comédia, policial)
Com: George Clooney, Matt Da-



mon, Andy García, Brad Pitt, Julia Roberts, Casey Affleck, Elliott Gould, Bernie Mac, Carl Reiner, Don Cheadle.

4 Agosto “Bailey’s Billion\$” – “Bailey – Um Cão que vale Milhões” (2005) de David Devine (M6), 89m (comédia)
Com: Dean Cain, Laurie Holden, Jennifer Tilly, Tim Curry, Jon Lovitz.



11 Agosto “Insomnia” – “Insónia” (2002) de Christopher Nolan (M12), 113m (suspense)
Com: Al Pacino, Robin Williams, Hilary Swank, Maura Tierney, Martin Donovan, Nicky Katt.



18 Agosto “The Pianist” – “O Pianista” (2002) de Roman Polanski (M12), 142m (drama biográfico)
Com: Adrien Brody, Thomas Kretschmann, Frank



Finlay, Maureen Lipman, Emilia Fox.

25 Agosto “Charlie and The Chocolate Factory” – “Charlie e a Fábrica de Chocolate” (2005) de Tim Burton (M6), 111m (fantasia, comédia, aventura)

Com: Johnny Depp, Freddie Highmore, Helena Bonham Carter, James Fox, Christopher Lee.

1 Setembro “The Brothers Grimm” – “Os Irmãos



Grimm” (2005) de Terry Gilliam (M12), 113m (aventura)

Com: Matt Damon, Heath Ledger, Peter Stormare, Lena Headley, Jonathan Pryce, Tomáš Hanák, Monica Bellucci.

8 Setembro “The Curse of the Jade Scorpion” – “A Maldição do Escorpião de Jade” (2001) de Woody Allen (M12), 100m (comédia)

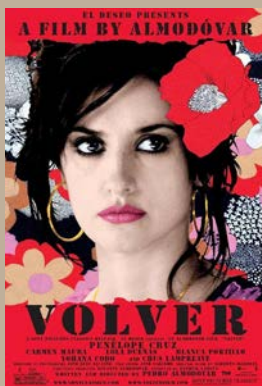
Com: Woody Allen, Dan Aykroyd, Helen Hunt, Charlize Theron, Elizabeth Berkley.



Auditório Municipal José de Castro, Paço de Arcos (15h30)

26 Julho “Volver” – “Voltar” (2006) de Pedro Almodóvar (M12), 120m (drama)

Com: Penélope Cruz, Carmen Maura, Yohana Cobo, Blanca Portillo, Yolanda Ramos, Neus Sanz.



30 Agosto “Cold Mountain” (2003) de Anthony Minghella (M12), 148m (drama, romance)

Com: Jude Law, Nicole Kidman, Renée Zellweger, Eileen Atkins, Philip Seymour Hoffman, Natalie Portman, Donald Sutherland.



Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)



RESTAURANTE
COMIDA TRADIÇÃO PORTUGUESA

*O sabor de Portugal
à sua mesa!*

PROMOÇÃO MENU

POR APENAS

14€

EM DIAS ÚTEIS

— INCLUI: —

-  Entrada
-  Bebida
-  Prato
-  Sopa ou
Sobremesa
-  Café



PROMOÇÃO DE GRUPO



**LEVE 7 AMIGOS
E O SEU MENU É
*por nossa conta!***



**PEIXES FRESCOS
TODOS OS DIAS!**



RECEBA DIARIAMENTE
OS PRATOS DO DIA
E RESERVE PELO WHATSAPP
+351 934 294 691

R. Dr. Manuel Rodrigues 3,
2700-999 - Caxias

"JUNTO A JUNTA DE FREGUESIA DE CAXIAS"

PARA O VERÃO,
**SARDINHAS
GRELHADAS!**



FACEBOOK



WHATSAPP



INSTAGRAM



Futebol e Golfe em destaque na atualidade desportiva Oeirense Do sucesso no relvado sintético à inovação na relva natural

Nos mais recentes meses, Oeiras voltou a provar que o desporto está bem enraizado no concelho. O futebol marca presença na atualidade desportiva do município, com um feito marcante alcançado pela equipa sénior da centenária Associação Desportiva de Oeiras.

A turma liderada por Carlos Alves, tendo competido na Segunda Divisão da Associação de Futebol de Lisboa, garantiu a promoção à Primeira Divisão, começando a disputá-la na próxima época desportiva (2026/2027). Este feito reflete bem a atitude e o compromisso que a equipa apresentou consistentemente desde o primeiro jogo oficial da temporada, algo que acabou por ser recompensado da melhor maneira.

O marco histórico, atingido pela instituição de renome localizada junto a Paço d'Arcos, teve como pontapé final a vitória caseira por 3-2 frente à União Desportiva e Recreativa de Algés no Es-



*Equipa Sénior da Associação Desportiva de Oeiras
[Crédito: zerozero]*

tádio Municipal Mário Wilson, numa partida disputada a 10 de maio (domingo).

De recordar que a equipa oeirense terminou a Série II da Segunda Divisão Distrital no segundo lugar, o que lhe garantiu a subida à Primeira Divisão Distrital em conjunto com os primeiros classificados das Séries I e II e o segundo classificado da Série I. O clube já iniciou a sua preparação para a época que se avizinha, previsivelmente ainda mais exigente e competitiva.

Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com

O golfe também merece destaque na atualidade desportiva, confirmando que em Oeiras o desporto não se resume ao futebol.

Foi inaugurada a Oeiras Green Valley – Academia Municipal de Golfe, num evento que contou com a presença de público vasto e diversos membros do executivo municipal, nomeadamente o presidente Isaltino Moraes. Ocorreu na tarde de 7 de junho (domingo), o dia que assinalou o feriado municipal e o 267.º aniversário do concelho.

Localizada em Barcarena, esta infraestrutura surge integrada na estratégia da Câmara Municipal de Oeiras de diversificação da oferta desportiva e promoção de estilos de vida ativos, saudáveis e intergeracionais, sendo um novo espaço municipal dedicado à promoção do golfe enquanto modalidade desportiva acessível, inclusiva e aberta à comunidade. Em termos dimensionais, a infraestrutura representa o primeiro campo de golfe municipal de “grandes dimensões” do país.



*Oeiras Green Valley - Academia Municipal de Golfe
[Crédito: Câmara Municipal de Oeiras]*

Este projeto pretende afirmar-se como um polo de referência para o ensino, aprendizagem e prática do golfe, proporcionando à população oportunidades de iniciação, formação, aperfeiçoamento técnico e lazer num ambiente moderno, sustentável e de proximidade, permitindo criar condições adequadas tanto para a aprendizagem como para a prática regular da modalidade. Campo de nove buracos e *driving range* são exemplos dos principais espaços que compõem a Academia Municipal de Golfe.

Martim Belas



INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES

**Paço
d'Arcos**
Escola de Condução

Rua José Moreira Rato, 6A

2770-106 Paço de Arcos

Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03

Email: esc.cond.pacodarcos@gmail.com • facebook.com/ecpa1 • www.ecpa.pt

Escola Associada ANIECA
Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT
Revalidações Cartas
e Documentos Veículos e Condutores

Validade dos produtos no nosso dia a dia

Esta minha abordagem relativo à conservação dos produtos comuns, tem como ponto de partida uma experiência vivida. Na casa onde costumamos passar as férias, muitas vezes deixamos ficar alimentos, ou outros produtos embalados, que ficaram por consumir. Numa das últimas idas, levei os meus netos e quando voltamos das compras eles deram conta da existência de produtos que tinham ficado armazenados desde a última visita. Para meu espanto começaram a deitar fora praticamente tudo. Limitavam-se a ver a validade impressa e rapidamente chegavam à conclusão de que aqueles produtos deveriam ser descartados, pois a data de validade tinha sido ultrapassada ou estava nos limites.

Ao ver aquela atitude, automática, quase irracional, sem verificação real do estado dos produtos, achei a situação um pouco aberrante. Sempre tive o cuidado de aplicar a técnica de verificar primeiro o aspeto do produto. A apresentação, o cheiro, a cor, são indicadores primários que deveriam ser verificados antes mesmo de olhar para a validade. Quantas vezes compramos produtos que pensamos estarem adequados por estarem dentro dos prazos indicados e verificamos a sua depreciação apesar da indicação de validade estar aceitável.

Depois apercebi-me que o caso dos meus netos não era pontual e que se estendia a praticamente a toda esta nova geração. Estranho comportamento para uma sociedade que se pretende ecologista que pretende seguir a pegada ecológica, etc. e que na verdade acaba por alimentar um

consumismo desenfreado.

A razão principal está nas regras impostas por governos que se submetem a lóbis poderosos, não só por questões de saúde, mas também de salvaguarda económica, de proteção aos trabalhadores, das empresas em geral que precisam de produzir, manter uma cadência contínua de produção. Para que tudo funcione é preciso haver consumo!

Qual terras raras, exaustão de riquezas naturais, poluição com contaminantes escondidos, gastos exorbitantes em deslocações aéreas ou de barco! É preciso dar novidades ao consumidor. Não é tão bom ter fora da época normal, uvas pretas deliciosas (vindas do Chile) ou mangas aromáticas (vindas do Brasil) ...vamos ser honestos, vivemos num mundo de enganos, e esta situação da exigência de uma validade para os bens comercializados se por um lado é realmente um fator necessário, com uma aplicação padronizada e cega, torna-se um drama.

A legislação da defesa do consumidor no que respeita aos produtos de uso comum está dependente na realidade de dois sistemas que atuam em simultâneo,

a)um regulamento da EU denominado REACH que abrange a generalidade das substâncias químicas,

b)e outro também da EU, mas regulamentado pelas legislações específicas aplicadas em cada país, dependendo da categoria de produto, alimentos, cosmé-



tigos, biocidas etc.

Talvez fosse conveniente voltar um pouco atrás e tentar perceber a razão da tomada de atitude por parte da população, que quase sem verdadeira consciência do facto, é levada a tal prática e colaborar com o consumismo desenfreado. A propósito, já alguma vez repararam no tipo de lixo que se acumula junto dos contentores, já não falo no orgânico, mas em objetos (mobiliário, eletrodomésticos, vestimenta...), que simplesmente estão fora de moda ou com alguma moessa, mas que poderiam ser reparados sem grande aparato ou esforço. Mas é mais fácil comprar novo ou mandar vir pela net!

Sabemos que as coisas se estragam e que é preciso um certo cuidado para evitar situações que afetem a segurança e a saúde. Mas a forma tão automática de pôr no lixo produtos, só porque a data de validação está no fim, sem evidência do seu estado real, mereça uma pequena intervenção sobre o que é a conservação e a sua validade científica.

Propomos assim apresentar de forma sucinta as várias maneiras de encarar o tempo de vida de um produto ou de uma substância:

Na conservação de substâncias (por exemplo, alimentos, medicamentos, produtos químicos domésticos, etc.), a **validade** pode apresentar **diferentes variantes** ou formas de ser apresentadas. As principais são:

1. Prazo de validade fixo

É a data específica até à qual a substância pode ser utilizada com segurança, desde que armazenada nas condições recomendadas.

Após essa data, **não deve ser utiliza-**

da. Muito comum nos produtos sensíveis a alterações (ex.: alguns medicamentos ou alimentos perecíveis).

Indica até quando o produto **mantém as suas propriedades ideais** (qualidade, sabor, eficácia).

Depois dessa data pode ainda ser usado, mas a qualidade pode diminuir.

Ex.: *Validade até 12/2026. (por exemplo iogurtes, gelados, etc.)*

2. Validade após abertura

Algumas substâncias mantêm-se estáveis enquanto estão fechadas, mas **depois de abertas** passam a ter um prazo menor, seja por maior exposição aos microrganismos, seja por perda de estabilidade química (contato com o oxigénio) ou física (emulsões).

Ex.: *Usar até x dias após abertura. (por exemplo certos produtos alimentares como leite homogeneizado e mantido no frigorífico, gelados, cosméticos...)*

3. Validade dependente das condições de conservação

A validade pode variar conforme as **condições de armazenamento**, como:

- Temperatura (refrigeração, congelamento)
- Exposição à luz
- Humidade

Contacto com o ar

Se as condições ideais não forem mantidas, a validade pode **reduzir-se**. As qualidades organoléticas ficam alteradas e, portanto, o mau estado torna-se visível. *Produtos embalados no vácuo ou produtos devidamente embalados (arroz, feijão, batatas fritas e outro semelhantes...)*

4. Validade baseada na estabilidade

Usada muito em **farmácia e nos produtos químicos**. Baseia-se em estudos (ensaios de degradação acelerada em laboratório)

que indicam quanto tempo a substância mantém:

-a eficácia

-a pureza

-as propriedades químicas

O produto pode apresentar boa aparência, mas perde eficácia e mesmo ser inadequado para consumo. Para o efeito são seguidos procedimentos, definidos em modelos, cujos resultados permitem antecipar a duração do produto. São os chamados modelos de degradação acelerada, feitos em aparelhos específicos e incidem seja através de alterações de condições físicas (calor, humidade, luz), seja por processos induzidos de degradação acelerada (modelo cinético). Ex: *Caso específico dos antibióticos, de cremes (emulsões água em óleo)*

5. Validade microbiológica

Muito relevante em produtos biológicos ou alimentos. Refere-se ao tempo durante o qual o produto permanece seguro contra crescimento de microrganismos, especialmente os produtos sujeitos à conservação no frio. *Alimentos biológicos, peixe, carne, etc...*

Resumindo: as variantes da validade podem depender de fatores como data fixa, abertura da embalagem, condições de conservação, estabilidade química e segurança microbiológica.

Mas estas evidências não impedem que o consumidor avisado possa avaliar do verdadeiro estado organolético do produto e decidir por sua iniciativa, se ainda está em condições de ser usado, ou se deve ser inutilizado e enviado para o lixo! Os nossos sentidos ainda são uma mais-valia que não devemos descuidar...

Eduardo Barata
(professor auxiliar FFUL, aposentado)



LIGA PORTUGUESA
CONTRA O CANCRO
Núcleo Regional do Sul

Rastreio do Cancro Pele e Oral

11 JULHO

OEIRAS | CAXIAS DELEGAÇÃO DA LPCC

AV. JOÃO DE FREITAS BRANCO, 6 MURGANHAL



TER, PELO MENOS, UMA DAS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS:

- Mais de 50 anos;
- Historial de cancro de pele na família;
- Mais de 50 sinais;
- Pele e olhos claros; profissão com muita exposição ao sol.



TER, PELO MENOS, UMA DAS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS:

- Fumadores com 40 anos ou mais;
- Utentes:
- com queixas de dor, lesões, alterações da cor ou da superfície da mucosa oral;
- com aumento de volume não habitual de estruturas da boca ou vias aéreas superiores;
- referenciados por Médico de Família.

Apoios:



OEIRAS VALLEY



MUNICÍPIO DE OEIRAS

Inscreva-se aqui



Inscrições: Aceda ao QRCode ou T. 910 133 439

Quem é Quem, em Caxias

O associado, e presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação Cultural, Pintor Jaime Silva, esteve no Forte S. Bruno, em Caxias, à Conversa com uma interessada assistência, onde nos falou da sua vida e obra artística.

O programa “Quem é Quem, em Caxias”, promovido pela Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos (APAC), com o apoio da ACAVPA, e do jornal A Voz de Paço de Arcos, destina-se a dar a conhecer as figuras com vidas culturais, sociais e desportivas que se distinguiram, ou que continuam a contribuir para a vida da comunidade com a sua ação pessoal e artística.

O Prof. Jaime Silva é vice-presidente da direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde é professor há décadas, tendo como alunos centenas de pessoas



Jaime Silva com Isabel Folgosa e José Marreiro [Crédito: Fotografias de José Mendonça]

interessadas em adquirir conhecimentos artísticos, de modo a evoluir como pintores.

Residente em Caxias, há cerca de trinta anos, tem dado o seu apoio às atividades artísticas da vila, nomeadamente, às desenvolvidas pela nossa associação.

Esta sessão teve lugar no decorrer da exposição de pintura de Ana Briz, a quem agradecemos a colaboração prestada.

A APAC e a ACAVPA, agradecem a colaboração do Prof. Jaime Silva, em prol da cultura local através das suas iniciativas.

*Isabel Folgosa
Fotos: José Mendonça*



A VOZ DE
PAÇO DE ARCOS,
CELEBRA 47 ANOS
A CONTAR A HISTÓRIA DA VILA.



O bugi acaba de
festejar o seu **primeiro**
aniversário.

Obrigado, Paço de Arcos,
por nos **receberes** tão bem.

Na verdade,
estamos **todos de parabéns.**

BUGI

*O BAR DA VIDA BOA

A transmutação

Quando Cacilda deu por si, após um curto período de sensação de irreabilidade, percebeu que se transformara numa árvore do jardim em frente de sua casa. Permaneceu de braços levantados, curiosamente sem esforço, e pernas bem metidas na terra, como quem tem medo de se mexer em uma situação de perigo.

«O que terá acontecido?» surgiu na sua consciência nebulosa. «Talvez tenha tido uma quebra de tensão quando me levantei.»

Entrava às 10 no supermercado e não estava a ver como poderia chegar a horas. Felizmente, no início do dia havia poucos clientes e talvez as colegas conseguissem aguentar o serviço sem complicações. Mas do raspanete da chefe não se iria livrar.

Avaliou a situação com detalhe. Não tinha só as pernas enterradas. Percebeu a pressão da terra até ao alto da anca, o que um leve roçar das ervas veio confirmar. Para baixo, era humidade e tensão firme. E uma certeza de imobilização. Para cima, segura, agitação do ar e vibração luminosa. Com a luz vinha um conforto de ganho de energia.

Não enchia quaisquer pulmões, mas a sensação de plenitude respiratória era real.

Percebeu, pela primeira vez, o toque múltiplo do que deveriam ser insetos. O primeiro pensamento foi de incómodo, mas pouco depois, toda aquela azáfama por sobre o seu corpo, se lhe podia chamar isso, tornou-se confortável e até sensual.

«Sensual, como? Aonde fui buscar esta ideia?», admirou-se. Então percebeu que o seu sexo estava distribuído por uma miríade de pontos do seu corpo, onde as abelhas se atarefavam na recolha de pólen, o que lhe transmitia múltiplas sensações de agrado. «Devo estar a fazer uma linda figura, de inúmeros braços no ar, a agitar pequenos sexos coloridos!» Sorriu-se com o próprio gracejo, mas duvidava que algum outro ser o tivesse notado.

«A esta hora já deram pela minha falta. Vou ter de inventar uma desculpa. Lá se vai um dia de salário! E se isto se prolonga? Quem virá à minha procura? Não será a minha mãe, com certeza, que mal sabe onde moro. E os ex-namorados foram de vez.»



CONTABILIDADE E CONSULTORIA

Proximidade, confidencialidade e rigor



214 420 036



afernandeslopes@sapo.pt



R Alfredo Lopes Vilaverde 7
2760-000 - Paço de Arcos



www.fla-associados.pt



*Pintura de Rodolfo Bispo: [instagram.com/rodolfo.bispo.77](https://www.instagram.com/rodolfo.bispo.77)
[Crédito: Rodolfo Bispo]*

Com o avançar do dia e do calor, os festões aromáticos de flores brancas eram atrações irresistíveis para muitas dezenas de abelhas e besouros. Nem ela lhes resistia, antes se expunha, num deleite físico de entrega à orgia que os insetos representavam.

Com o entardecer, veio uma espécie de sufocamento. As folhas já não recebiam luz, já não lhe transmitiam energia. Teve medo. Então, paulatinamente, recomeçou a “respirar” com conforto, expirando o que a estava a entupir. Frio não sentiu muito, só um ténue encarquilhamento das folhas. Deixou-se entorpecer, num sossego de que tanto precisava.

O novo dia trouxe-lhe a percepção ténue, fluida, da absorção que se produzia nos recônditos que os seus membros inferiores alcançavam. A primeira ideia de imobilidade subterrânea também era falsa: as suas extremidades Tateavam, sondavam e deslocavam-se impercetivelmente para a humidade. E bebiam.

E quando a orgia floral recomeçou, intuiu claramente os movimentos ín-

fimos que se produziam dentro das suas corolas. E esse conhecimento trouxe-lhe uma alegria que nunca tinha podido sentir - a de que ia ser mãe.

Percebeu a evidência do processo de chegada dos frutos. Daí a dias - não podia ainda calcular quantos -, iria “parir” vagens cheias de sementes. Era de uma grande ironia o que lhe estava a acontecer. E, de certo modo, trazia algum consolo às injustiças da vida. Muitas vezes, da janela do 2º andar, contemplara a acácia e lamentara a sua imobilidade forçada. Mas, algumas vezes, talvez lhe tivesse invejado a exuberância de flores e frutos, inconscientemente, pelo menos. «Nem tudo é mau», alegrou-se.

«E se isto não passa de imaginação, de ideias na minha cabeça? Será que estou à janela a imaginar que sou uma acácia? Lembro-me de, em tempos, ter andado “cismática”.»

«Mais facilmente sou uma acácia, que pensa que pode ser uma mulher na janela do 2º andar, a imaginar-se acácia», riu-se. O necessário processo de aceitação da situação avançava.

Com a chegada do verão e das cigarras a fazerem vibrar o ar que envolvia o seu corpo carregado de vagens pendentes, como uma mãe cheia de filhos, mais do que resignar-se à sua condição, abraçou-a com todos os ramos da sua fronde.

Joaquim Bispo

A obra prima imperfeita

Convenhamos que não é o “caldo” preferível. Aliando uma timidez congénita, uma voz-suspiro, e um dedilhar de guitarra ridículo, Mark Knopfler tinha tudo para “dar errado”. Mas, no entanto, e no culminar de uma longa viagem musical, a bordo dos eternos Dire Straits, o monumento está lá, e o seu *fiel escudeiro* também.

Sancho Pança - ou seja, “Alchemy” - é um hino à melodia mais pura, um calmante 100% natural. Um disco ao vivo em que o ritmo das músicas é inteiramente respeitado, não interessando o tempo que se leve para que isso aconteça. Não é Mozart, mas francamente, para o rock já é muito bom, sim senhor.

Quanto ao álbum- monumento, ele veio logo a seguir e chama-se “Brothers in arms”.

“So far away”, “Money for nothing”, “Walk of life”, “Your latest trick” e “Why worry” abrem as hostilidades, formando um quinteto melódico extraordinário, uma torre sónica só comparável ao início de “Joshua tree” dos U2, ou “Strangeways here we come” dos Smiths, ou qualquer um dos álbuns dos Doors, do Rei Lagarto.

Laivos de *country*, algum *folk*, lá no meio,

em discretos *riffs*.

A seguir, “Ride across the river” ainda aguenta o barco, enquanto “The man’s too strong” é muito sólido, aparte um início algo titubeante e demasiado ambíguo.

E é aqui que se dá um autêntico milagre. A imperfeição absoluta num conjunto de músicas quase inatacável. “One world” é, neste contexto, um “Bacalhau quer alho” metido a martelo numa sinfonia de Beethoven, uma verdadeira desgraça ambulante, onde quer que fosse incluída no disco.

E, quando já toda a malta esperava que a última canção viesse comprovar este tardio desvario - ante tão glorioso início - dá-se a luz. Uma luz tão intensa e tão devastadoramente bela, que o seu extraordinário impacto é algo devedor da imprecisão destrutiva da música anterior.

Alguém disse uma vez que o primeiro disco dos Stone Roses é perfeito; eu diria que “Brothers in arms” não é música; é insuperável perfeição.

Portanto, se queremos entrar no céu pela porta da frente, devemos fazer uma de 3 coisas:

- . Ouvir Charlie Parker
- . Chorar à chuva
- . Sentir “Brothers in arms”

Música com as notas certas, no momento certo. E, quando é assim, as coisas fazem real sentido.

Francisco Capelo
(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Site do autor: 4rt.pt



Dupla face [Crédito: Francisco Capelo]

Jardim d'Artes

Realizou-se no dia 16 de Maio, no Jardim de Paço de Arcos, a iniciativa da UFOPAC, Jardim d'Artes, com o apoio da Associação de Artistas plásticos de Paço de Arcos e que teve a participação de elementos do grupo “Criativos independentes”.



*Luís Amorim
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)
Fotografias [Crédito: Luís Amorim]*

Música dos Anos 60

Quando a juventude ganhou voz em vinil

Faço parte, com muito orgulho, da geração dos anos 60. Marcou-nos de forma indelével, a abertura de um mundo novo. A partir desse tempo, a sociedade deu um salto gigantesco a fim de procurar substituir a monotonia da sociedade vigente, que grassava até então, por outra mais moderna e progressista, onde o amor e a paz vigorassem.

Há décadas que marcam a História. E, depois, desenrola-se todo o processo dos anos 60 quando o mundo decidiu deixar crescer os cabelos e envergar botas pretas de cano alto com elástico nas laterais; e, nas raparigas, os anos 60 não marcaram apenas uma década. Marcaram uma metamorfose. Então os adultos começaram a balbuciar: “No meu tempo isto não era nada assim...”; curiosamente, frase que começamos a ensaiar com alguma ironia, e uma pontinha da vingança inter-geracional.

.De repente surgem quatro rapazes de Liverpool, chamados *The Beatles* com ar de bons alunos que, afinal, não correspondiam a plena verdade. Saco-dem o cabelo, afinam as guitarras, e o mundo nunca mais foi o mesmo. As raparigas gritavam, os rapazes imitavam



o penteado e os pais interrogavam: “Mas isto é musica?!” Era. E... da boa.

Logo a seguir apareceram os *The Rolling Stones*, com o icónico vocalista *Mick Jagger*, com um ar mais desalinha-dos, como quem diz: “Se os Beatles são bons alunos, nós somos os do fundo da sala”. A juventude de então agradeceu. Era preciso contraste, e um bocadinho de rebeldia também ajudava a vender discos de vinil.

Do outro lado do Atlântico, *Elvis Presley* continuava a abanar as ancas com uma convicção que fazia corar metade das mãos do planeta. Já a cantora negra ensinava o mundo a soletrar R-E-S-P-E-C-T antes mesmo de muitos perceberem o verdadeiro significado da palavra.

E, depois veio o auge da liberdade musical: o festival de *Woodstock*, em 1969. Foram três dias de música, paz, amor e lama. Uma combinação improvável, mas eficaz. É voz corrente dizer que foi o momento em que a juventude decidiu oficialmente que o mundo podia ser mudado com guitarras eléctricas, flores no cabelo e uma dose de idealismo.

Claro que nem todos percebiam aquela revolução Sonora. Havia muitos a dizer que “Isto passa.” Não passou, antes pelo contrário, ficou nas rádios, nas memórias colectivas, e até nos nossos pés, que ainda hoje batem discretamente, quando se ouve uma música dessa década.

Em Portugal, mesmo com as limitações da época, a música também encontrava forma de respirar. Entre os festivais da canção e as serenatas mais discretas, as melodias saíam furando silêncios e aos poucos semeando mudanças.

Talvez o mais curioso é que muitos que dançaram *twist* nos anos 60, hoje alegam que têm dores nas costas.... Mas basta ouvir os primeiros acordes de uma dessas músicas para o corpo esquecer as mazelas da idade e tentar dar, pelo menos, um passe tímido na sala.

A música dos anos 60 marcou uma época, porque tocou as pessoas. Deu-lhes a identidade, voz e até penteados duvidosos. Se hoje sorrimos ao recordar, é porque aquela banda sonora não envelheceu, apenas ganhou histórias para contar.

E no fundo, meu estimado leitor, a quem escrevo todo arrepiado e com as emoções ao rubro, a verdade é simples: quem viveu os anos 50/60 não envelheceu, apenas mudou o famoso gira-disco para um modelo mais moderno.

Luís Álvares
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)

grau de imaGnação www.grau.pt

DESIGN	PRODUÇÃO
Gráfico Catálogos, brochuras, flyers Design de embalagens Criação de logótipos Design editorial Merchandising Estacionários	Digital Pequeno e grande formato
Web Criação e manutenção de websites	Offset Pequeno e grande formato
	Serigráfica
	Têxtil

Alameda do Sabugueiro, 58, Murganhal, 2760-128 Coxias
Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

Stela Dalva – Ousar Vencer

Chama-se Stela Dalva, vinte anos de idade, vencedora absoluta do “Concurso de eloquência, escrita e oratória”, promovido pelo MAP/Mostra de Artes da Palavra, que decorreu no Templo da Poesia nos dias 17 e 18 de Maio último. Publicamos nesta edição o poema que lhe deu a vitória: “Maria Maria Maria”! O Templo encheu-se de dezenas de jovens alegres e criativos que, através da palavra poética, reflectem o seu olhar sobre um mundo de ameaças e incertezas. Querem ser ouvidos, querem participar nas decisões que desenham o seu futuro.

AVPA – Muitos parabéns por esta sua primeira conquista. Fale-nos um pouco de si.

Stela Dalva – Nasci em Luanda, vim para cá aos treze anos. Foi em Portugal que aprendi a ser independente. Este país ensinou-me muito, ajudou-me a evoluir como pessoa; sou muito grata a Portugal e aos portugueses.

AVPA – O que está a estudar, por onde pretende ir?

Estela Dalva – Estudo Comunicação e Jornalismo na Universidade Lusófona de Lisboa, mas não me vejo a ser jornalista. Pretendo seguir a área das artes cénicas, fazer um curso de teatro, aprender a escrever música ...

AVPA - Como surgiu a poesia na sua vida?



Stela Dalva – A poesia é um desabafo. Mudei de país na fase da adolescência e, por vezes, não me conseguia identificar ou expressar da forma clara; então, a poesia surge como uma forma de clarificação de sentimentos. Não tinha qualquer ideia de que o que escrevia poderia ser interpretado como poesia, para mim era apenas um diário. Mais tarde, divulguei alguns vídeos a declamar, houve muitas visualizações e comecei a ser conhecida; tudo o resto veio naturalmente.

AVPA – Como reagiram os Pais e os amigos a este turbilhão que está a acontecer?

Stela Dalva – Reagem com naturalidade. Cresci numa casa de artes, os meus pais são artistas, nunca houve quais-

quer preconceitos! O meu Pai é actor, a minha mãe é cantora e atriz.

AVPA - Como aconteceu a sua participação no concurso?

Stela Dalva - Todos acreditam em mim, mesmo quando eu própria não acredito. Nunca ouvira falar do concurso, foi uma amiga que me enviou o link dizendo que eu teria hipóteses de ganhar. Fiquei meio em dúvida, inscrevi-me sem grandes expectativas. Fui avançando fase após fase até à final. Os amigos acreditaram sempre em mim, estavam convictos de que sairia dali com um primeiro lugar!

AVPA – A poesia deve estar ao serviço das grandes causas da humanidade, como a paz, a tolerância, os direitos humanos?

Stela Dalva - Fui percebendo que a poesia une as pessoas. Escrevemos para os outros, para que se identifiquem com a nossa palavra. A poesia é isso tudo. No poema que me deu a vitória, por exemplo, está patente a revolta



que a mulher sente desde a infância pela imposição de ter que ser isto ou aquilo, pela simples razão de que foi sempre assim. Então a gente cresce com uma revolta cá dentro rejeitando a ideia de um feminino estereotipado.

AVPA – “Ela até gostava de cozinhar, mas não a mandes para a cozinha”, diz no seu poema. A ideia é que até podemos cozinhar – é apenas um exemplo - porque gostamos, porque é necessário, mas não por sermos mulheres. É isso?

Stela Dalva – Sim, a gente não gosta quando mandam, quando é uma obrigação exclusiva nossa.

AVPA – Muito obrigada, Stela Dalva. Muito sucesso nos seus múltiplos projectos.



*Margarida Maria Almeida
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)*

Necrologia

Faleceu o Manuel Barata!

Caxias perdeu um dos seus mais antigos e conhecidos comerciantes. O Manuel Barata, o Manuel da Drogaria não era apenas o comerciante que, ao longo de mais de sessenta anos, estava atrás do balcão a atender, mas também a aconselhar os clientes. Raramente dizia que não tinha pois, nesses casos, mandava vir do armazém o produto em falta e, em pouco tempo, o pedido era satisfeito.

Bem-humorado, tinha sempre uma graça, uma piada, uma anedota para criar um ambiente descontraído e agradável. Manifestava um interesse genuíno pelas pessoas e pelas situações que viviam, sempre pronto a todos ajudar com os seus conselhos amigos.

Conheci o Manuel muito novo, com oito anos, quando cheguei a Caxias; antes da abertura da loja já ele acompanhava a Mãe na venda, a D. Conceição.

Com a abertura da drogaria e quando concluiu que a vida de estudante não lhe era acessível, lá ficou junto da Mãe, a trabalhar na loja para toda a vida.

Casou, teve filhos que, felizmente, tiveram boas condições para crescer e para se formarem como profissionais em atividades diferentes da sua, o que terá sido para ele um grande orgulho.

Caxias não perdeu apenas mais uma loja do comércio tradicional, perdeu



a mais antiga loja a par da Farmácia Nova, agora a única que resta dos primeiros tempos da zona. Caxias perdeu uma INSTITUIÇÃO de verdadeiro serviço público.

Todos nós, os que frequentámos a drogaria, vamos ter muitas saudades e vamos recordá-lo para sempre, já que as boas memórias não desaparecem e o Manuel Barata é já Memória e Saudade.

À sua família mais chegada, mulher, filhos e netos e a todos os restantes familiares e amigos, em nome da Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos” e no meu próprio manifesto as minhas sentidas condolências.

José Marreiro

Fotografia : Fonte newinoeiras.nit.pt/

Maria Maria Maria

Quando eu era pequena eu queria fazer
xixi em pé,
Eu admito eu já o fiz.
Não que eu queira ser um João mas ser
Maria...
Não tem tanto gosto de liberdade.
Eu sempre, sempre...odiei rosa!
Odeio te ouvir falar sobre as tuas unhas,
Ou o teu cabelo,
E te gabares que os rapazes já não olham
só para a tua cara,
Mas agora para os teus peitos!
Acho que sempre fui mais azul.
Era o que eles chamavam de Maria-Rapaz

Maria Incapaz
Maria nunca faz
Maria desfaz

Maria, falas demais
Maria nunca satisfaz
Maria dispersa
Maria, senta bem
Maria, vira mulher!!!
Ela odiava rosa e saber que aquela cor
existia.
Ela até gostava de cozinhar mas não a
mandes para a cozinha.

Ela sabe tricotar, não aprendeu sozinha.
Ela lava,
Engoma,
Passa,
Dobra,
Tudo que a sua mãe fazia,
Para ele...
Ela queria ser como ele.
Bebia,

Gritava,
Batia — as vezes só com as portas,
E tinha alguém que lhe fizesse tudo que
ela aprendia.
Eu odiava rosa e saber que aquela maldita
cor existia.
Ela...
Eu adorava brincar com bonecas,
Eu só não gostava de ser a boneca quando
os meninos entravam na
brincadeira.
Mas era divertido,
Escolher ser,
Não ter que ser a mãe eu poderia ser fi-
lha...só filha!
Eu nunca odiei o rosa,
Eu odeio que essa seja a cor de menina.
Deixa-me escolher qualquer uma: azul,
branco, amarelo, vermelho
E talvez aí eu escolha rosa.
Eu nunca, nunca...odiei rosa.
Eu nunca odiei ser Maria,
Só odiava que lembrasses de mim quando
se falava de fraqueza.
Na verdade eu sou bem Maria-menina

Maria que fascina
Maria genuína
Maria que caminha, sozinha
Maria que começa, e termina
Maria na cozinha, quando quer
E quando não quer ser só Maria.
A Maria nem quer viver muito,
Só o suficiente para saber viver e aprender
a gostar de rosa,
De novo

Stela Dalva
Vencedora do Concurso de Eloquência, Escrita
e Oratória”, organizado pelo MAP/Mostra de
Artes da Palavra

Farol

Jornal, meu companheiro e amigo
Com que sonho mesmo acordado
Ou que sonho “ou que sonhado”
Em suave deleite revivo deslumbrado.

Tu, sem o saberes, enches-me a alma
Preenches um vazio ...
És um dos meus filhos queridos...

Jamais pela cabeça te passou o que na
mente me vai
Contigo ao infinito vou. Prometo-me e
prometo,
Qual adorador do sagrado.

Sinto o lodo, farejo a notícia
De forma doce, dolente...
Numa transbordância do ser.
Numa transfiguração sem peias
Nem dores, nem dormentes.
Em dádiva total, em que a tua seiva
É o meu sangue, a tua luz o meu farol

Tu sempre e só tu,
És o meu par, o meu arrimo, o meu anseio,
Numa vida a que dás sentido,
Forma e cor, devaneio...
Jornal ...sempre e só tu...a minha paixão!

*Joaquim Coutinho,
fundador do Jornal “AVPA”*

Parei ao chegar a casa

Parei ao chegar a casa
de corpo suado e roupas grosseiras.
Ergui os estores das janelas há muito
fechadas.

O bolor caía pelas paredes
em lentos círculos desiguais
húmidos, velhos.
Depois abri as portas
de dobradiças enferrujadas.

O soalho rangia sob os meus passos
num queixume lento.

O sol punha-se
sobre a coluna defronte.

Hoje e amanhã
será sempre assim.

Abro o meu postigo
a todas as noites e dias
e carrego os meus farrapos
para me fazer ao caminho.

*Emília Gomes da Costa,
Oeiras 26*

**FUNERÁRIA CENTRAL
DE PAÇO DE ARCOS**



R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

Aristides Peixoto
Telem.: 919 711 023



E-mail: gestifunebre.pacodearcos@gmail.com

para ti
os meus braços
estarão sempre
em forma de abraço

para ti
o meu abraço
será sempre
do tamanho do mundo

para ti
o mundo
será sempre
do tamanho da minha alma

para ti
um grande abraço

*in "Dias de Poesia - 2017" de
José Fernando Delgado Mendonça*

Citações

"A coisa no mundo mais parecida com os olhos de Deus são os olhos de uma mãe."

- José Tolentino Mendonça

"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo."

- Nelson Mandela

"Há duas coisas que são infinitas: o universo e a estupidez humana; e quanto ao universo, não tenho a certeza."

- Albert Einstein

(A Bartolomeu de Gusmão, O Padre Voador...)

Qual era a altitude do teu sonho
quando emprestaste ar à tua vida
e aqueceste em traços inventados
a história que ficou a eternizar-te?

Quantos livros queimaram os teus
olhos
na esperança de te elevarem no cami-
nho
e de chegares, sozinho, além dos ou-
tros
para olhá-los de cima, sobranceiro?

Brincaste com o fogo. E a Passarola
não foi suficiente para te dar
a leveza de um Espírito-de-Balão?

Sabes o que é a Intriga? E a Inveja?
Dizes-me, por favor, o que é Voar?
E a Vida? É uma bola de sabão?

António Manuel / 2006

"É preciso olhar antes de saltar"
Provérbio Árabe

“Tereza Arriaga - Percursos de arte e vida”, patente até Dezembro

A mostra “Tereza Arriaga: Percursos de Arte e Vida” inaugurou no dia 3 de julho, e vai estar patente até Dezembro no Palácio do Egípto, em Oeiras.

Os percursos de arte e vida duma neta do que foi o presidente Manuel de Arriaga, pintora que faleceu, com 98 anos de idade, a 12 de agosto de 2013, em Oeiras, onde residia.

Iniciada no neorrealismo dos anos 40, a pintora evoluiu para trabalhos abstractizantes de carácter geométrico. A partir de finais dos anos 60, mantendo a sensibilidade social como traço da sua expressão plástica, «vai evoluir para uma exploração aprofundada da cor e das linhas, inspirando-se numa poética da relação humana ao mistério dos elementos naturais» – dizem os entendidos nesta arte de saber analisar as obras de Arte e o que elas nos querem transmitir.

Por conseguinte, se quer saber o que a obra de Tereza Arriaga representa no panorama das Artes Plásticas em Portugal, tire-se de cuidados e marque na agenda uma visita à Galeria de Exposições do Palácio do Egípto: de terça a

TEREZA ARRIAGA

percursos de arte e vida

jul - dez 26
Palácio do Egípto. Oeiras



MUNICÍPIO OEIRAS

OEIRAS
CULTURA



domingo, das 12:00 às 18:00 (encerra aos feriados).

Nota da redação: O casal Tereza Arriaga e Jorge Oliveira também pintor, viveu primeiro na Fonte de Maio, em Paço de Arcos e depois no Alto Lagoal, em Caxias até ao fim dos seus dias.

In Revista 30 dias



MANLOC
OFICINA AUTOMÓVEL e MOTO

Tel.: +351 216 072 206
Estrada da Cartuxa, 10 - 2760-022 Caxias
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt

Tempos de Oeiras

(continuação do número anterior)

Pelo centro histórico de Oeiras, no hoje de escrita em crónica, diante Igreja Matriz, dedicada ao culto de Nossa Senhora da Purificação, vamos recordando tempos antigos da sua fachada, outros bem mais recentes e até, com nocturnos eventos em seu adorno.

Perdidas no tempo, as origens do edifício religioso, é tido como certo que em plena Idade Média, durante o reinado de D. Dinis, já aqui existia um sagrado edifício. Em 1258, a Paróquia de Oeiras surgia ligada à Colegiada de São Lourenço de Lisboa, tendo sofrido diversas obras de consolidação e recuperação, com a passagem dos séculos. Contudo, no início do XVIII, depois de



Fachada iluminada [Crédito: Ana Amorim]

1700, era demasiado exígua perante o crescimento exponencial da sua comunidade, a qual desejava uma grandeza que não passasse despercebida. Mas ao longo dos tempos, foi sendo impossível a concretização de nova igreja, tendo em conta a enorme despesa que tal obra acarretava. Só que o edifício do antigo templo foi mesmo demolido, tendo início, em 1702, as obras de construção da Igreja Matriz, tal como hoje a conhecemos. O projecto foi do arquitecto João Antunes e as obras de construção avançaram, então dirigidas por Duarte de Castro dos Rios, transferindo-se a paróquia, em registo provisório, para a Capela de Santo Amaro, até 7 de Setembro de 1744, data em que foi inaugurada, incompleta, a Igreja Matriz de Oeiras. Esta apenas foi considerada concluída, em 1748, tendo levado 46 anos a ser construída.

O grande impulsionador da sua edificação foi o fidalgo D. António Rebelo de Andrade, que a orientou pessoalmente e emprestou sem juros, o dinheiro necessário ao bom andamento das obras. Era um homem de cultura muito apurada, assim personificando o mecenas da época barroca. No entanto, à data da sagração desta obra, embora a igreja estivesse edificada, faltavam as pinturas.

Hoje em dia, o seu interior possui al-





Fachada principal; Ref.: PT/MOER/MO/NF/002/000276
[Crédito: António Passaporte]



Perspectiva central
[Crédito: Ana Amorim]



guns elementos que se destacam por uma enorme beleza. É o caso da pia baptismal, obra de Matias Duarte, mais o lavatório da sacristia, também do mestre anterior. As pinturas chegaram mesmo à Igreja Matriz, pois no altar-mor existem algumas realizadas por Miguel António do Amaral, realçando a

Perspectiva lateral [Crédito: Ana Amorim]



Senhor dos Passos [Crédito: Ana Amorim]

também por outros artísticos detalhes, bem patentes neste grandioso templo religioso.

última ceia, uma cena da vida de Jesus e outra, representando Madalena. Por cima dos altares da igreja, salientam-se dez pinturas com os momentos marcantes da vida da Virgem. São temas que foram escolhidos por D. António Rebelo de Andrade, assim como os oito painéis que também decoram estes altares. No alto, por cima do arco cruzeiro,

destaca-se a pintura central alusiva à sua padroeira, Nossa Senhora da Purificação. A igreja possui ainda um belo órgão, o qual é melodioso e que muito nos cativa a sentar e apreciar a plena beleza,

Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Fotos de Ana Amorim excepto onde indicado, sendo a restante imagem cedida pelo Serviço do Arquivo Municipal de Oeiras

Oeiras por quem a vê

Fotografias de Natércia Barral Correia
facebook.com/PAViladarcos
instagram.com/natercia_barral_correia



Banda Desenhada “Rocambolices”

Rodolfo Bispo

instagram.com/rodolfo.bispo.77



Os SIMAS de Oeiras e Amadora celebraram recentemente 99 anos de existência!!

Para saber mais acesse esta notícia em www.avozdepacodearcos.org.

DESDE 1927

a sua água da torneira

Somos confiança, segurança, e qualidade.

ERSAR 2025 SELO DE QUALIDADE

Água para Consumo Humano

Já conhece a nova App dos SIMAS?

Comece a utilizar agora. Descarregue em

Disponível na App Store

Disponível no Google Play

Era uma vez o amor...

Robertes Araújo nasceu em 11 de Maio de 1930, a Ema Pereira nasceu em 9 de Maio de 1945. Ele fez noventa e sete anos, ela fez *apenas* oitenta e um. Um dia, lá muito para trás, encontraram-se, encantaram-se e estão juntos desde então. A Ema é uma cuidadora extraordinária, sempre muito atenta a tudo que o José possa necessitar.

Foram os dois pianistas profissionais e foi o piano que os juntou na vida. São generosos e estão sempre disponíveis para participar nas diversas iniciativas culturais do nosso Jornal e para um alegre convívio com os amigos.

Ao maravilhoso casal Robertes&Ema, o nosso muito obrigado por estarem sempre ao nosso lado.



Dias Felizes [Crédito: Margarida Maria Almeida]

O Jornal “A Voz de Paço de Arcos” faz votos de felicidades e de muita saúde para que, juntos, possamos continuar em frente.

PARABÉNS ROBERTES ❤️ EMA.

Margarida Maria Almeida

Robertes Araújo também é poeta, uma prova :

Um Poema ao Futebol

Futebol é alegria
Perder faz parte da história
Haja amizade entre todos
A verdadeira vitória.
Se alguma vez o teu clube
Campeão vier a ser
Isso não significa
Que nunca mais vai perder.
O pior em dia sim
Mesmo jogando mal
Pode ganhar ao melhor
É verdade, é real.
Um jogador de elite
Que arrecada milhões

E um distrital que aufere
Apenas alguns tostões.
Correm os mesmos riscos
De ao hospital ir parar
Sem se saber quanto tempo
Eles poderão lá ficar.
Se um jogador estende a mão
Ao adversário caído
Sinto uma grande emoção
Fico mesmo comovido.
Há taças, há campeonatos
Há excesso de competições
Respeitemos os que jogam
Não sejamos tubarões.

Robertes Araújo

Prato Principal Ovas Panadas (4 pessoas)

Ingredientes:

1 kg de ovas de peixe congeladas
150 grs de farinha
2 ovos
1 colher de sopa de azeite
1 dl de água
Vinagre
1 folha de louro
1 ramo de salsa
Sal e pimenta (a gosto)
Óleo para fritar



Preparação:

Coza as ovas com água temperada com sal, salsa, louro e um pouco de vinagre, durante 10 minutos. Escorra as ovas, deixe arrefecer e corte em rodelas grossas. Misture a farinha com o azeite, os ovos e a água e bata com uma varinha de arames, até obter um creme liso – o polme. Tempere com sal e pimenta e deixe repousar.

Entretanto leve o óleo a aquecer e, antes de mergulhar as rodelas de ovas no polme, passe-as ligeiramente por farinha o que permite que agarrem melhor.

Frite no óleo quente o polme e escorra as rodelas de ovas sobre papel absorvente.

Sirva com arroz de tomate e salada de pimentos assados



Catulina Guerreiro

OPERA FEST LISBOA OÉIRAS

5 AGO - 11 SET 2026

CONVENTO DA CARTUXA
CAXIAS



TURANDOT

GIACOMO PUCCINI

100 ANOS

5, 6, 8 e 9 AGOSTO



AS BODAS DE FIGARO

W. A. MOZART

14 e 15 AGOSTO

WWW.OPERAFESTLISBOA.COM

BILHETES À VENDA NA BOL, FNAC, CTT, WORTEN E OUTROS